

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CÊNCIAS HUMANAS - ICH
PÓS - GRADUAÇÃO LATO SENSU EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

**MOVIMENTOS DE DESCOLONIZAÇÃO EM ÁFRICA DAS COLÔNIAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA.**

JORGE LUIZ DOMINGOS DOS SANTOS

JUIZ DE FORA

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SANTOS, Jorge Luiz Domingos dos.
MOVIMENTOS DE DESCOLONIZAÇÃO EM ÁFRICA DAS COLÔNIAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. / Jorge Luiz Domingos dos SANTOS. – 2017.
88 f.

Orientador: Vinebaldo Aleixo de Souza FILHO
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. África. 2. resistência . 3. colonialismo português. 4. Guiné Bissau. 5. ensino de história africana. I. FILHO, Vinebaldo Aleixo de Souza, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CÊNCIAS HUMANAS - ICH
PÓS - GRADUAÇÃO LATO SENSU EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

**MOVIMENTOS DE DESCOLONIZAÇÃO EM ÁFRICA DAS COLÔNIAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

JORGE LUIZ DOMINGOS DOS SANTOS

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao curso de Pós-graduação em História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para obtenção do grau de Especialista em História da África.

Orientador: Prof. Ms^o: Vinebaldo Aleixo de Souza Filho.

Juiz de Fora - MG

2017

EXAME DE MONOGRAFIA

**MOVIMENTOS DE DESCOLONIZAÇÃO EM ÁFRICA DAS COLÔNIAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

Jorge Luiz Domingos dos Santos

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Especialização em História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Especialista em História da África

Aprovado em: ___/___/_____

Banca de Avaliação:

Prof. _____

Assinatura: _____

Prof. _____

Assinatura: _____

Dedico este trabalho a minha esposa Eliz
Regina e minha filha Anna Stephany pelo
apoio e incentivos fundamentais.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus Criador e mantenedor de toda história, a minha esposa Eliz Regina e minha filha Anna Stephany pelo apoio incondicional na revisão atenta para chegar onde cheguei. Agradeço, também, à presteza do Prof. Ms.: Vinebaldo Aleixo de Souza Filho, pela paciência dispensada na correção do conteúdo.

“Qualquer coisa que você faça será insignificante, mas é muito importante que você o faça. Pois ninguém o fará por você” (...) “Você nunca sabe que resultados virão da sua ação. Mas se você não fizer nada, não existirão resultados”.

Mahatma Gandhi.

RESUMO

Este trabalho aborda o processo de independência dos países africanos colonizados por Portugal. Em especial, tratamos da experiência de libertação de Guiné-Bissau, entre o final da década de 1950 com sua culminância em 24 de setembro de 1973, quando foi oficializada sua independência. Nosso método foi fazer uma cuidadosa revisão bibliográfica para apresentarmos um ponto de vista, dentre muitos referentes ao tema. Apresentamos, também, brevemente, aspectos da trajetória de Amílcar Cabral, militante político e um dos líderes do movimento de independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde. O objetivo do trabalho tanto subsidiar a prática docente, especialmente do professor de História, quanto oferecer uma proposta diferenciada aos alunos do Ensino Médio. Para isso, inicialmente apresentamos os referenciais teóricos e atividades extras para melhor uso do material didático. Na parte dedicada aos alunos, complementamos o material didático com atividades adicionais – como música, poemas, vídeos – para despertar o interesse e a reflexão dos jovens para um tema ainda pouco explorado nos bancos escolares.

Palavras-chave: África; resistência; colonialismo português; Guiné-Bissau; ensino de história africana.

ABSTRACT

The objective of this research was to describe the Independence process of African countries colonized by Portugal. Especially, the study was based in the Guine-Bissau experience of freedom, which started in the end of 1950 decade and finished in September 24 in 1973, when the country became officially independent. The method used was review carefully the bibliography present, in order to show a point of view about the theme, among many others. Furthermore, we present the aspects of Amílcar Cabral life as a militant, politician and one of the leaders of the independence of Guine-Bissau and Cabo-Verde. The purpose of this study is to be used by teachers, especially history teachers, to offer their students in the high school a different proposal. Therefore, initially, we present an theoretical reference and activities as a additional support. In the part destined to the students, as a complement can also find additional activities - musics, poems, videos - to make them interested and critics about the theme that is not explored in the classes at school.

Sumário

PARTE I APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO -----	11
1.1 – Apresentação -----	11
1.2 – A história da África e tema da descolonização -----	11
1.3 – Possibilidades de uso do material didático -----	15
1.4 – Conhecendo o objetivo geral e o específico -----	17
1.5 – Para se aprofundar -----	20
PARTE II O MATERIAL DIDÁTICO -----	22
2 – Movimentos de descolonização em África das colônias de língua portuguesa -----	22
2.1 – A descolonização dos países africanos -----	23
2.2 – A partilha da África -----	23
2.3 – A conferência de Berlim -----	25
2.4 – Resistências na África -----	26
2.5 – Movimentos pró-independência -----	29
2.6 – A descolonização da Guiné Bissau -----	31
3 – Leituras e Atividades -----	35
3.1 – Para refletir -----	35
3.2 – Para ouvir -----	36
4 – Conclusão -----	37
5 – Para saber mais -----	38
6 – Conheça a vida de Amílcar Cabral – Símbolo da Resistência da África Portuguesa -----	39
PARTE III PORTIFÓLIO -----	41
9 – Portifólio -----	41
9.1 – Carta de Apresentação do Curso -----	41
9.2 – História de Vida e Memórias -----	43
9.3 – Práticas Pedagógicas, Intervenções e Ações Socioeducativas – Nossas Raízes – “África” -----	54
9.4 – Passaporte da Diversidade -----	58
10 – Referências Bibliográficas -----	72
11 – Anexos Portifólio -----	74
11.1 – Contos Africanos -----	74
11.2 – Sugestões de livros -----	80

TABELA DE SIGLAS

RDA – República Democrática Alemã

RFA – República Federal da Alemanha

PCP – Partido Comunista Português

MFA – Movimento das Forças Armadas

FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique

PAIGC – Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

PIDE - Polícia Internacional e de Defesa do Estado

CLSTP – Comitê de Libertação de São Tomé e Príncipe

PAI – Partido Africano da Independência

MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola

PARTE I – APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Apresentação

Caro professor,

Com a lei 10.639/2003, abriu-se uma janela para introduzir a história da “África” na sala de aula. O tema que permanece majoritariamente negligenciado, seja pela questão do racismo, seja pela falta de preparo dos docentes, ou pela ausência de material didático disponível é objeto de estudo afim de romper com as retro mencionadas barreiras e construir no ambiente escolar os saberes sobre o continente africano, valorizando suas riquezas, valores culturais e história de lutas e conquistas.

É bem verdade, que a lei por si só não é capaz de resolver a situação da escola pública brasileira, mas é um avanço à medida que ampara aqueles que pretendem desenvolver um trabalho coerente e é ferramenta para que se questione a não inserção do tema em sala de aula. Ainda há um número muito reduzido de professores e escolas que desenvolvem um trabalho sobre o assunto. Em sua grande maioria, faz-se menção superficial sobre a escravidão e abolição, algumas apresentações no dia da Consciência Negra e pensam ser o suficiente.

A História da África e o Tema da Descolonização

O presente trabalho é resultado de estudos e pesquisas acerca da história do continente Africano. Durante décadas, a história conhecida sobre a África era somente contada sob a versão das nações europeias, segundo sua própria visão dos fatos, pouco importando-se com a cultura da terra e de quem nela habitava.

Hegel (1770-1831), em sua obra Filosofia da História, afirmava:

A África não é uma parte histórica do mundo. Não tem movimentos, progressos a mostrar, movimentos históricos próprios dela. Quer isto dizer que sua parte setentrional pertence ao mundo europeu ou asiático. Aquilo que entendemos precisamente pela África é o espírito a-histórico, o espírito não desenvolvido, ainda envolto em condições de natural e que deve ser aqui apresentado apenas como no limiar da história do mundo.

Apud. KI – ZERBO, J. História da África Negra. Vol. 1. Portugal: Publicação Europa – América. 1999.p.10.

Tais ideias perduraram até bem pouco tempo, devido ao pensamento “eurocentrista” que condenava a Terra Africana como digna de piedade. Esse quadro começou a se transformar a partir da década de 1960 com o processo de descolonização do continente africano.

A África deixou de ser vista apenas como o continente cuja história reduzia ao tráfico de escravos, mas uma África que possui sua própria história de lutas, desafios e vitórias. África de grandes líderes, artistas, pensadores. África que inspira. África de belezas e riquezas naturais e culturais, com suas cores e tradições, sua religiosidade e seu espírito de resistência a todo e qualquer tipo de opressão.

Dentre os diversos temas transversais ao assunto propostos pelo PCN, este trabalho estabelece uma relação bem próxima com a ética e a cidadania, com a perspectiva da pluralidade cultural, visando a formação de um cidadão crítico e participativo na sociedade em que está inserido.

A caminhada é longa, contudo, é preciso despertar o sentimento de reconhecimento e valorização de um povo e de muitos povos para suas semelhanças e peculiaridades que tornam a África um lugar de um e de muitos ao mesmo tempo. Com fulcro na riqueza das crenças, na desmistificação dos ensinamentos, na beleza da natureza e sua diversidade. Despertando a identidade ancestral e reconhecendo o valor do continente.

Nesse cenário, a escola como um veículo de formação, de conscientização e de construção do saber é o meio pelo qual ocorrerá a transformação da realidade de crianças, jovens e adultos. É o caminho pelo qual haverá a construção de uma nova história comprometida com a construção do conhecimento.

Segundo Mary Garcia Castro:

A inserção da história da África e do povo negro nos currículos escolares é um avanço, mas há que se cuidar para saber de que África se fala, que negro aí se retrata, e como as mulheres negras e suas reivindicações são representadas. Portanto, para fazer frente a tal desafio, por uma educação antirracista e antissexista, haveria que se contribuir para que a escola mais se abrisse ao conhecimento dos movimentos sociais, como o das mulheres negras.

CASTRO, Mary Garcia. Gênero e raça – desafios à escola. Extraído do site: www.smec.salvador.ba.gov.br acesso em jan 2008.

A escola precisa estar aberta a novos conhecimentos, livres dos paradigmas que foram interiorizados e perpetuados durante tanto tempo.

É fundamental que haja um desprendimento dos conceitos preestabelecidos sobre a África, para que se tenha a abertura essencial à aquisição de novos conhecimentos e conceitos que, por várias vezes, farão cair por terra as ideias pré-concebidas sobre o assunto.

Um novo olhar sobre o continente é primordial para a compreensão do verdadeiro valor da batalha empreendida ao longo dos anos em busca da liberdade e do direito à cidadania, sem jugo e opressão.

Os portugueses, como outras nações europeias, possuíam colônias espalhadas pelo continente africano, em um cenário de domínio totalitário, subjugando os povos colonizados, muitas vezes de modo cruel. Espoliavam suas riquezas naturais e sua força de trabalho. Nenhum ser humano deveria ter domínio sobre a vida de outra pessoa.

Faz-se necessário compreender e aprofundar o contexto da história do referido continente. O aluno deve tomar conhecimento com autonomia e fazer sua reflexão, construindo seu próprio conhecimento. Nesse contexto o professor é o facilitador, o mediador do processo, oferecendo oportunidades para que o educando se desenvolva de forma eficaz.

A descolonização dos países africanos, ocorrida nos anos posteriores a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), remonta a eventos anteriores a Conferência de Berlim (1884-85), visto que desde as Grandes Navegações (a partir do século XVI) os nativos africanos se rebelavam contra as investidas coloniais.

A conferência de Berlim foi a solução que os países europeus buscaram, por meios legais, para eles, para dar fim à crise econômica que os mesmos estavam passando, crise gerada pela industrialização, que a Inglaterra, vê na França e Alemanha concorrentes que começam a competir nos mercados consumidores que antes dominava. Uma solução diplomática para os europeus, para não gerar conflitos internos. A África é apresentada como solução para o entrave.

Trata-se de um tema ainda pouco explorado. Porém, nos últimos anos, novas pesquisas historiográficas começaram a alterar esse cenário. Isso ocorreu em um contexto de maior discussão da importância da implementação de políticas de reparação para a população negra, devido ao processo de escravidão de africanos e seus descendentes na diáspora africana, em especial no Brasil. Trazer essa discussão e conhecimento para os bancos escolares da educação básica foi parte desse desafio, ao qual nos inserimos.

O material didático apresentado deve ser uma ferramenta de auxílio ao trabalho do professor. Visa mostrar o contexto em que ocorreram os processos de descolonização dos países de África colonizados por Portugal, focando, especialmente, em Guiné-Bissau. A escolha da Guiné-Bissau deve-se ao fato de ter sido a primeira colônia portuguesa a conseguir a independência de Portugal.

Durante um longo tempo, o negro africano era visto como ser incapaz de servir voluntariamente e por isso, deveria ser escravizado. A cultura da ideologia escravagista perdurou por décadas, com o objetivo de justificar as atrocidades cometidas pelas nações europeias no seio da África.

Justificativas que remontam desde o século XV que apresenta o homem branco como senhor de todas as coisas, inclusive as ciências e por essa causa deveria ser o tutor de tudo e todos, o negro sempre foi visto como um ser inferior, ser que dava medo, pavor, principalmente nas mulheres e crianças, os europeus cultivavam e incentivavam tal cultura de inferiorização do africano, o que quando chegou no século XIX não foi diferente e mesmo difícil ratificar tais justificativas culminando na conferência de Berlim.

Após o período de desgaste econômico profundo causado pela Segunda Guerra Mundial, Portugal não queria abrir mão de suas colônias, que eram fontes de riqueza e que lhes davam prestígio diante das outras nações.

Durante toda a história da África, de modo geral, grandes líderes se levantaram, como Amílcar Cabral, na Guiné-Bissau, como Mandela, na África do Sul, Agostinho Neto em Angola, Samora Machel em Moçambique, dentre outros, com o objetivo claro de libertar o povo do domínio estrangeiro e estabelecer-se como nação livre e capaz de se autogovernar e sustentar, de forma livre.

O domínio europeu na África não tirava dos nativos apenas suas riquezas naturais, mas também sua cultura, sua identidade, sua religiosidade, suas tradições; impondo novos costumes, novos hábitos, na tentativa de sufocar o que de mais puro e simples havia e deveria ser preservado que é a identidade e a cultura de um povo.

Vivendo sob situações estressantes, era urgente que alguma atitude fosse tomada no sentido de não permitir a perpetuação desse domínio insano e cruel.

No período da Segunda Guerra Mundial, muitos africanos foram levados a lutar em favor de seus colonizadores iludidos com a promessa de liberdade ou igualdade.

[...] Muitos africanos – que lutaram nos exércitos das potências colonizadoras como a Inglaterra e a França contra os nazistas alemães e os fascistas italianos – sonham também eles com a libertação das suas terras. (...) (PEREIRA,2011)

No entanto, com o fim da Guerra citada, viram seus sonhos desmoronados, pois as nações europeias não cumpriram com o que haviam prometido e ignoraram mais uma vez a situação dos povos colonizados.

Surge então, nesse cenário, os movimentos de resistência, pacíficos ou não, de acordo com a resposta europeia, no intuito de alcançar a liberdade tão almejada. Muitos dos jovens africanos que lutaram na Segunda Guerra tornaram-se líderes dos movimentos a favor da libertação nacional.

O declínio financeiro das nações europeias provocado com os gastos de uma guerra, foi fator de suma importância nesse evento, pois após gastar com uma guerra externa não sobravam mais recursos para deter guerras internas nas colônias. Nesse contexto, muitas nações perderam suas colônias, por não ter mais forças e finanças suficientes para subjugar-las por mais tempo.

Portugal, porém, sob o domínio de Antônio Salazar, ditador cruel e sanguinário, reagiu com força e violência aos movimentos surgidos em suas colônias. Nesse empreendimento muitas vidas foram ceifadas, tanto da metrópole quanto das colônias. Foram anos de lutas e, somente em 1974, Portugal reconheceu a Independência da República Guiné-Bissau.

Possibilidades de uso do Material Didático

Para abordar a descolonização, este trabalho é constituído por textos que buscam esclarecer como ocorreu a descolonização da África colonizada por Portugal, com foco em Guiné-Bissau, partindo do pressuposto do contexto em que os movimentos em busca da libertação nacional surgiram. Tudo de forma sucinta, para que haja uma compreensão fácil pelo aluno.

Os boxes trazem informações extras sobre personagens ou fatos ocorridos, promovendo melhor compreensão do texto e elucidando possíveis dúvidas sobre fatos ou expressões relatadas. Há ainda um texto sobre a Conferência de Berlim, que é um conceito essencial para compreender os eventos mencionados.

É interessante motivar o aluno a realizar a leitura dos textos dos boxes e das gravuras que os acompanham, pois além de oferecer um aspecto visual mais atraente auxiliam no entendimento do conteúdo.

O papel ativo e protagonista do aluno não se contrapõe à necessidade de um papel igualmente ativo por parte do educador. É ele quem dispõe as condições para que a construção que o aluno faz seja a mais ampla ou mais restrita, se oriente num sentido ou noutro, através da observação dos alunos, da ajuda que lhes proporciona para que lhes proporciona para que utilizem seus conhecimentos prévios, da apresentação que faz dos conteúdos, mostrando seus elementos essenciais, relacionando-os com o que os alunos sabem e vivem, proporcionando-lhes experiências para que possam explorá-los, compará-los, analisa-los conjuntamente e de forma autônoma, utilizá-los em situações diversas, avaliando a situação em seu conjunto e reconduzindo-a quando achar necessário etc.

ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998, p. 38.

A seção “Para saber mais” conta com textos complementares relacionados ao tema. Nessa unidade, há um box explicando a Conferência de Bandung, que é citada no texto, e deve ter sua leitura sugerida e trabalhada pelo professor para melhor aproveitamento do recurso didático oferecido. Contam também com uma breve biografia de Amílcar Cabral, um dos líderes pela libertação da Guiné-Bissau.

A apresentação de mapas tem como objetivo proporcionar ao aluno uma outra forma de leitura do mesmo assunto. Compete ao professor agir como mediador nesse processo, ajudando-o a fazer a leitura correta e a localizar as informações desejadas no mapa.

A seção “Leituras e atividades” pretende fazer com que o educando reflita e seja capaz de estabelecer conexões entre o tema proposto na unidade e os textos apresentados, bem como avaliar aquilo que foi capaz de aprender.

Jussara Hofmann afirma em entrevista ao Senai:

Em primeiro lugar, o sentimento de compromisso em relação àquela pessoa com quem está se relacionando. Avaliar é muito mais do que conhecer o aluno é reconhecê-lo como uma pessoa digna de respeito e de interesse.

Em segundo lugar, o professor precisa estar preocupado com a aprendizagem desse aluno. Nesse sentido, o professor se torna um aprendiz do processo, pois se aprofunda nas estratégias de pensamento do aluno, nas formas como ele age, pensa e realiza essas atividades educativas. Só assim é que o professor pode intervir, ajudar e orientar esse aluno. É um comprometimento do professor com a sua aprendizagem – tornar-se um permanente aprendiz. Aprendiz da sua disciplina e dos próprios processos de aprendizagem. Por isso a avaliação é um terreno bastante arenoso, complexo e difícil.

Eu mudo como pessoa quando passo a perceber o enorme comprometimento que tenho como educador ao avaliar o aluno.

Entrevista concedida por Jussara Hofmann ao Senai. www.dn.senai.br.br/competência/src/contextualização/celia%20%20avaliação%20Jussara%20Hofmann.pdf
f Acesso em: abr.2011.

Tão importante quanto a avaliação que o professor faz da aprendizagem do aluno, como do trabalho que mediou em sala de aula é a chamada autoavaliação. A autoavaliação é realizada pelo aluno de forma sistemática, quando o professor oferece um instrumento como um questionário ou outro meio para que ele se autoavale, como pode acontecer também de forma assistemática, em situações cotidianas em sala de aula.

Em sua obra *Avaliar para promover: as setas do caminho*, Jussara Hofmann afirma:

[...] Um processo de autoavaliação só tem significado enquanto reflexão do educando, tomada de consciência individual sobre as aprendizagens e condutas cotidianas, de forma natural e espontânea como aspecto intrínseco ao seu desenvolvimento, e para ampliar o âmbito de suas possibilidades iniciais, favorecendo a sua superação em termos intelectuais.[...]

[...] a ajuda às tarefas que pedem; a solicitação de textos complementares ou novas explicações para noções sobre as quais ainda têm dúvidas; a insistência em explicações sobre os porquês dos seus erros em tarefas; o auxílio em classe e extraclasse solicitado a outros colegas; a reivindicação de tempo e espaço para conversarem sobre questões de ensino e relacionamento com professores e colegas. [...]. (HOFMANN, 2006, p. 55)

O aluno deve ser conduzido a se autoavaliar para poder crescer e aprimorar seus conhecimentos, tornando-se reflexivo e questionador, que é um dos objetivos desse material, ou seja, promover a reflexão sobre o tema abordado.

Conheça o objetivo geral e específico desse material:

Objetivo Geral do material didático

Atender ao tema História da África, de modo a esclarecer questões que foram importantes para o africano, mas que por motivos diversos foram negligenciadas, proporcionando uma perspectiva que tenha como viés a visão do continente colonizado e não só do colonizador, na busca por informações que antes não foram publicadas ou estudadas. Com isso, propor uma visão que contemple a diferença.

Objetivos específicos do material didático

- Construir o conhecimento sobre as questões relevantes à Descolonização das Colônias Portuguesas na África, especificamente a Guiné-Bissau.
- Compreender a importância da Conferência de Berlim no contexto.
- Identificar o momento histórico em que os movimentos pela libertação nacional aconteceram.
- Reconhecer o papel dos líderes tanto da metrópole como das colônias.
- Compreender que a Revolução dos Cravos, em Portugal e a independência da Guiné-Bissau, em 1974, abriram as portas para as demais colônias de Portugal na África se libertarem.

"Refletindo sobre a Lei 10.639"

"Caro professor,

A Lei 10.639 completou 14 anos, leia abaixo o trecho da entrevista com a professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, relatora da comissão que fez um parecer para a aplicação prática da Lei 10.639/03 / Reprodução/UFPR TV.

Em entrevista ao **Brasil de Fato**, Petronilha afirmou que a preocupação dos professores com a temática étnico-racial aumentou, mas que a abordagem deste assunto segue dependendo da iniciativa individual dos docentes.

"É raro, difícil que essa seja uma política das escolas, e que esta [disciplina] conste no plano político-pedagógico das instituições", avaliou a professora.

[...]

Brasil de Fato - Qual era o contexto e como foi a recepção do movimento negro quando a lei foi promulgada?

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva - A Lei 10.639 de 2003 modificou a Lei de Diretrizes de Base da Educação (LDB), de 1996. Se introduziu no artigo 26 a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas de ensino fundamental. Nesta época também que foi introduzido um outro artigo, que determinava que fosse celebrado o mês da Consciência Negra nas escolas.

Um dos papéis do Conselho Nacional de Educação (CNE) é interpretar a LDB e oferecer uma direção para que seja cumprido o que está determinado na legislação. Quando foi promulgada esta lei, eu era indicada pelo movimento negro no conselho. Eu propus, ainda em novembro de 2002, que o CNE se manifestasse justamente sobre as relações raciais, difíceis no Brasil e nas escolas. Em discussão com o movimento negro, se havia concluído que, para reeducar as relações étnico-raciais de forma a combater o racismo, seria necessário conhecer, estudar, aprender sobre a história e cultura dos povos que vieram da África e sobre a história e a cultura que produzem seus descendentes.

Então, em novembro de 2002, começamos a trabalhar neste sentido. Fizemos questionários, conversamos e consultamos pessoas, instituições, ativistas do movimento negro, comunidades negras, conselhos de educação estaduais e municipais, secretarias de Educação, professores negros e não-negros, e assim por diante. Quando a Lei 10.639 foi promulgada, já havia um movimento para que se trabalhasse a educação étnico-racial a partir do conhecimento da história e da cultura afro-brasileira e

africana. E, para ela ser efetivada e implementada pelas escolas e seus professores, o parecer nº 3/2004 do CNE o teve também este papel.

Mas a lei foi construída durante anos por demanda do movimento social e também do movimento indígena. Ao longo do século 20, pelo país inteiro, houve professores e professoras negras e indígenas que, isoladamente na sua classe e, às vezes, sendo o único em sua escola, trabalhavam elementos da história e da cultura negra local ou em elementos nacionais. As diretrizes curriculares foram possíveis porque havia uma construção principalmente de professores negros, apoiados pelo movimento negro, que criaram condições para isso.

Qual avaliação de sua aplicação e prática após 14 anos?

Existe uma publicação do Ministério da Educação [MEC], solicitada pela Unesco e feita em todas as regiões do país. A pesquisa foi coordenada pela professora Nilma Limo Gomes, da Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG], e mostra — e é também o que eu tenho observado — que aumentou consideravelmente o número de professores, negros e não-negros, preocupados com a educação das relações étnico-raciais. Entretanto, ainda continua dependendo de uma iniciativa individual do professor ou de um grupo de professores. É raro, difícil que essa seja uma política das escolas, e que esta [disciplina] conste no plano político-pedagógico das instituições.

O que é mais frequente é a celebração, em novembro, do mês da Consciência Negra e de Zumbi dos Palmares, o herói mais celebrado. Então eu diria que as iniciativas individuais permanecem.

Há também professores que não se manifestam e outros que se dedicam apenas a algumas atividades e projetos restritos ao mês da Consciência Negra. O que temos que fazer é a avaliação da formação dos professores e também dos princípios que cada professor leva para sua docência: que tipo de projeto de sociedade cada professor está construindo. Os professores que lutam por uma sociedade democrática e igualitária evidentemente estão empenhados em trabalhar a educação das relações étnico-raciais por meio da cultura e história dos afro-brasileiros e africanos, bem como dos povos indígenas durante todo o ano.

Como as universidades estão preparando os professores para lidar com estes temas na sala de aula?

O que eu disse em relação aos professores da educação básica não é diferente no ensino superior. De fato, depende do projeto de sociedade que o professor defende. Pessoas que pensam que a sociedade, com as marcas racistas que tem a nossa, não precisa mudar, vão trabalhar superficialmente com estes temas.

Entretanto, há uma diferença para as universidades porque, na avaliação periódica dos cursos pelo MEC, há um quesito que prevê examinar se realmente está sendo cumprido o que dizem as diretrizes curriculares da Educação.

É possível integrar nosso modelo educacional, ainda muito centrado no vestibular, com a proposta da lei?

A educação das relações étnico-raciais ultrapassa o vestibular, que é um momento importante na vida de todo o cidadão, mas é só um momento. Há ainda o convívio diário em sociedade, o exercício da função de estudante, o exercício, posteriormente, de uma função de trabalho, o convívio em diferentes ambientes sociais, como escolas, igrejas, terreiros de santo ou outras manifestações religiosas. Em todos os lugares, as pessoas manifestam sua identidade e suas raízes. As pessoas não devem se envergonhar de demonstrar suas raízes.

O que está em jogo não é se "alguém gosta e alguém desgosta" e "isso [ensinar história da África] é um privilégio". Pode ser que esta seja a desculpa manifestada. Mas, qual é o projeto de sociedade que os professores ou até mesmo os estudantes defendem? Queremos que permaneça este modelo, que vem desde o século 16, em que alguns têm muito e outros, muito pouco? Pautado na meritocracia? Um projeto de sociedade em que há racismo e que há pessoas que acham que isso é normal? Tudo começa aí.

Em sua pesquisa de mestrado, a professora Maria Fernanda Luiz da Unesp entrevistou professoras que fizeram cursos de formação para o cumprimento da Lei 10.639. Ela observou que professoras negras e não-negras que já trabalhavam ou se interessavam pela superação de desigualdades e combate ao racismo contribuíram nos cursos e aprenderam mais. Mas houve professoras que achavam que o modelo de sociedade que existe é o que tem que ser. E, para estas professoras, o curso foi apenas um certificado a mais que acrescentou uma pontuação em sua carreira.

<https://www.brasildefato.com.br/2017/01/08/ensino-de-historia-da-africa-ainda-nao-esta-nos-planos-pedagogicos-diz-professora/>

Para aprofundar...

OLIVA, Anderson Ribeiro, **A história da África nos bancos escolares**: representações e impressões na literatura didática. Estudos afro-asiáticos. 25,3 (2003), p. 421-461.

Disponível em http://www.scielo.br.php?script=sci_arttext&pid=s0101.

FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. **História da África** – Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2011.

MWANZI. Henry A. Iniciativas e resistência africanas na África oriental, 1880-1914.

História geral da África: África sob dominação colonial, 1880-1935. VII. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-189.

SERRANO. C. M. H. e WALDMAN, Maurício. **Memória d'África** - A Temática Africana em Sala de Aula. Ed. Cortez, 2007.

DURÃO, Gustavo de Andrade. Imperialismo e Colonialismo na África. In: SANTOS, Patrícia Teixeira. (Org.). **Os Africanos dentro e fora da África**. 1º ed. Curitiba: Positivo, 2015, p. 61-80. (Coleção África e Brasil – Vol. 2).

Freire, P. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em Processo. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. 173p.

REIS. A, Em História do Século XX – Década a Década – 1970-1979, Paço de Arcos, Visão, 2004: Disponível em <<https://noseahistoria.wordpress.com/2012/03/09/a-descolonizacao-portuguesa/>>. Acessado em 30.12.2016.

MORAIS. R. M.A., Independência das colônias portuguesas em África: Disponível em <<http://pt.slideshare.net/danielquintas/independencia-das-colnias-portuguesas-em-frica-ricardo>>. Acessado em 30.12.2016.

Macedo. D., Revolução dos Cravos representa liberdade para os portugueses, diz embaixador. 25/04/2014: Disponível em < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2014-04/revolucao-dos-cravos-representa-liberdade-para-os-portugueses-diz>>. Acessado em 30.12.2016.

JARDIM. M. N., Bravos "Retornados", Refugiados, Deslocados, Espoliados - A descolonização e o seu impacto. 12 de janeiro de 2010: Disponível em <<http://retornadosdafrica.blogspot.com.br/2010/01/descolonizacao-e-o-seu-impacto.html>>. Acessado em 30.12.2016.

Brandão. E. A Revolução dos Cravos e a independência das colônias africanas: Disponível em <<http://www.duplipensar.net/principal/2004-04-cravos-colonias.html>>. Acessado em 30.12.2016.

40 anos de 25 de Abril e de independência - Cronologia do 25 de Abril e da independência das colônias portuguesas em África: Disponível em <<http://www.dw.com/pt-002/cronologia-do-25-de-abril-e-da-independ%C3%A2ncia-das-col%C3%B3nias-portuguesas-em-%C3%A1frica/a-17288490>>. Acessado em 30.12.2016.

A Colonização Portuguesa na África – Angola: Disponível em <<http://alcanceageografia.blogspot.com.br/2009/11/colonizacao-portuguesa-na-africa-angola.html>>. Acessado em 30.12.2016.

Vídeos:

Guerra Colonial Portuguesa - Angola/Guine 1966 (A UNITA): Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=GLXrNVn_buQ>. Acessado em 30.12.2016.

A História Das Cabeças Cortadas - Guerra Colonial Portuguesa: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5Skw-wuQOc4>>. Acessado em 30.12.2016.

Assassinato de Amílcar Cabral (1973): Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=D-QiI4_-fMk>. Acessado em 30.12.2016.

Amílcar Cabral - Último Discurso (Jan1973): Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=RAbQNsqt9dk>>. Acessado em 30.12.2016.

A Guerra EP25 | A morte de Amílcar Cabral: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=x1pSEbU15Og>>. Acessado em 30.12.2016.

Independência e morte: a África portuguesa: Disponível em <https://youtu.be/GywWEuE0Y_k>. Acessado em 30.12.2016.

Pan-Africanismo - Colonialismo Português em África (Parte 3/20): Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=oQ2opbiVjBU>>. Acessado em 30.12.2016.

O Início da Guerra Colonial Na Guiné E Cabo Verde 1963: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3xFwqN2AYSy>>. Acessado em 30.12.2016.

PARTE II - MOVIMENTOS DE DESCOLONIZAÇÃO EM ÁFRICA DAS COLÔNIAS DE LÍNGUA PORTIGUESA

Caro aluno,

A África precisa ser vista não como um único país, como é comum, mas sim um conjunto de diversas culturas e etnias que formaram o mais antigo continente, que é considerado o berço da humanidade. Dentro dessa perspectiva, estudaremos a ação colonial implementada pelos europeus, no denominado “neocolonialismo” ou “Imperialismo” iniciada a partir do tratado de Berlim, particularmente por Portugal.

Veremos também, como ocorreu o processo de independência de Guiné-Bissau, sua resistência a dominação portuguesa e sua história de lutas e desafios.

O material didático apresenta o modo como alguns países africanos dominados por Portugal lutaram e resistiram em busca da independência de modo claro e atraente, proporcionando uma nova visão do continente, seu povo, sua cultura e, principalmente, sua força e resistência mediante situações de opressão e domínio europeu sobre africanos. Mostrar que existem várias versões para cada fato e não podemos aceitar apenas aquela que nos foi imposta pelos dominantes, mas devemos ter conhecimento da versão da resistência, suas lutas e vitórias, no processo de construção de uma nação e um continente livre.

A Descolonização dos Países Africanos

O processo de descolonização não foi simples, voluntário e pacífico, muito pelo contrário, foi fruto de um processo de maturação dos colonizados, que desde o início se insubordinaram à exploração e dominação das propriedades e recursos naturais e também da vida dos africanos. As resistências ficaram mais evidentes a partir de 1884-85 (Conferencia de

Berlim), período em que os Estados europeus determinaram a partilha do continente africano.

DESCOLONIZAÇÃO

“A descolonização pode ser descrita como processo histórico. Primordialmente político, ocorrido em especial após a Segunda Guerra Mundial, e que se traduziu na obtenção gradativa da independência das colônias europeias situadas na Ásia e África”

(CONCEIÇÃO, 2006.)

A Partilha da África

A África tornou-se colônia com o acordo entre as principais potências europeias, que viram no continente a possibilidade para resolverem seus problemas imediatos de mercado consumidor e necessidade de matérias-primas.

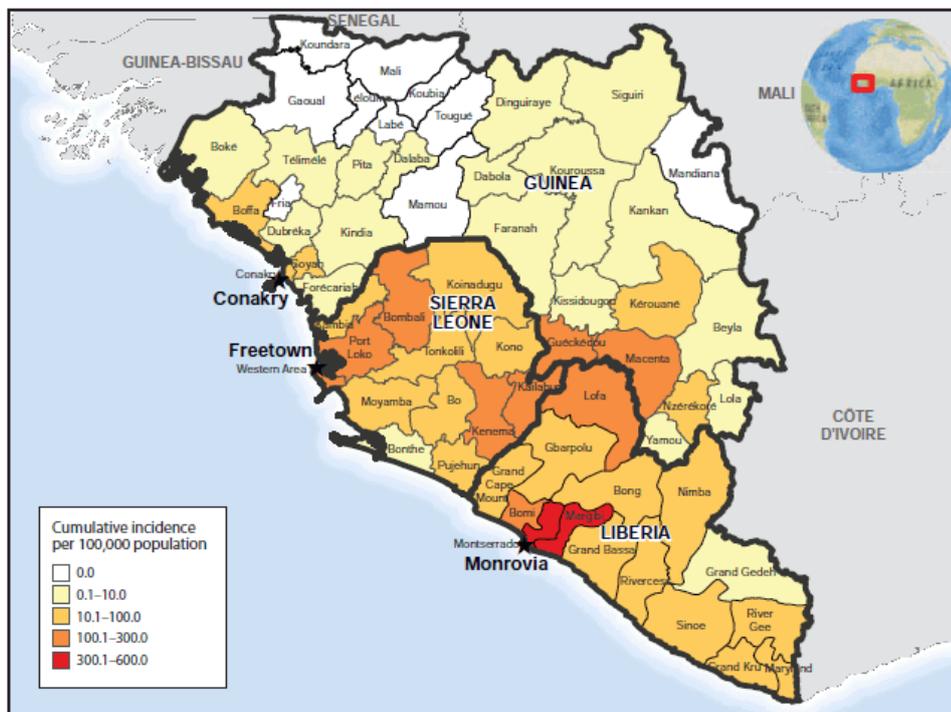
A Conferência de Berlim 1884-1885, foi marcada como ponto inicial desse processo. No entanto, “(...) o processo de partilha parece ter sido desencadeado pelas iniciativas de dois países não muito poderosos na Europa, Portugal e Bélgica”. (Figueiredo, 2011, p.89).

Isso, porque os dois países não tinham expressividade política e industrial, ambos tinham suas áreas de influência que não afetavam a economia europeia, mas quando perceberam o interesse das principais forças econômicas da Europa (Inglaterra, França e Alemanha), logo quiseram marcar seus territórios, iniciando por volta de 1876 suas demarcações territoriais.

Para justificar tamanhas atrocidades ocorridas, como uma sociedade civilizada e detentora do conhecimento e das ciências, propuseram justificativas: justificativa econômica (o capitalismo como referência, pois o comunismo ainda estava em estágio embrionário), justificativa psicológica, que se desdobrou em: darwinismo social, cristianismo evangélico (a salvação dos bárbaros) e ativismo social (com perspectiva sociológica); justificativa diplomática (uma visão puramente política). Para além de todas as justificativas, haviam aqueles que acreditavam na supremacia branca.

Com a conferência de Berlim, todo continente africano foi partilhado, com exceção de dois países. A Libéria, adquirida por escravizados norte-americanos libertos vindos dos Estados Unidos da América, na década de 1820, com apoio da Sociedade Americana de Colonização. Com apoio do presidente James Monroe, esta organização filantrópica emancipadora fundou a cidade de Monróvia, cujo nome é uma homenagem à James Monroe. Em 1847, a Libéria se declarou independente. A Etiópia é o outro país não colonizado por europeus. Este país conseguiu sua independência através de movimentos internos de resistência, ao vencer os italianos, em mais de uma ocasião, com exército do rei etíope Menelik II. Por ser o primeiro país no continente africano a repelir outra nação europeia, a Etiópia tornou-se símbolo de resistência contra o colonialismo.

Mapa da Libéria



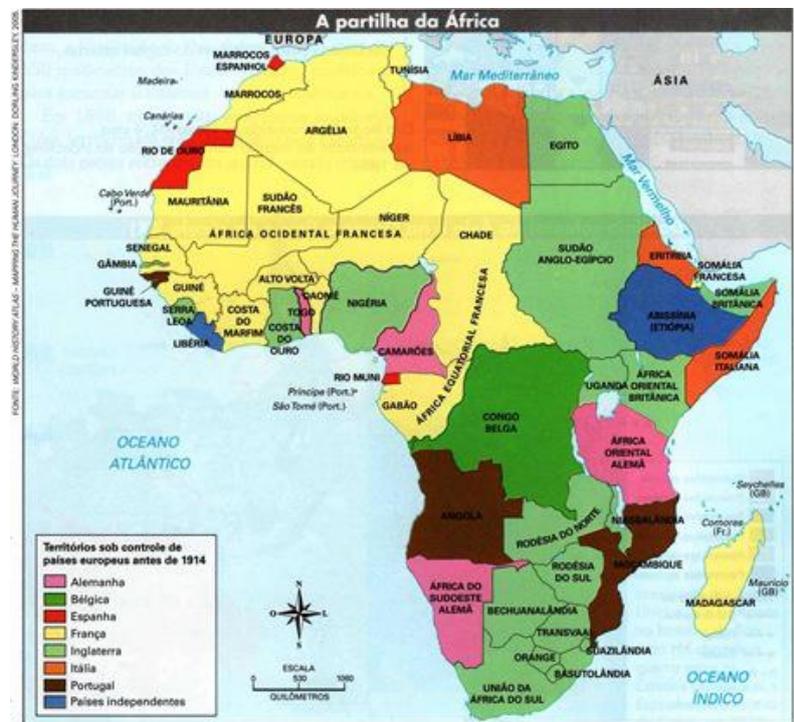
<https://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/figures/m63e1118a1f4.gif>

Agora que já vimos como a África foi partilhada, vamos conhecer mais sobre a Conferência de Berlim?

Você sabia?

A Conferência de Berlim

Foi um evento que ocorreu entre 1884 e 1885 com a participação de Itália, França, Grã-Bretanha, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Alemanha, Império Otomano (atual Turquia), Portugal, Bélgica, Holanda, Suécia, Rússia e Império Austro-Húngaro (atuais Áustria e Hungria). A intenção do encontro foi definir quais territórios africanos esses países repartiriam entre si (*veja, no mapa ao lado, como ficou a partilha*). Os povos africanos não foram convidados - após as decisões, muitos deles resistiram e lutaram como puderam. A Conferência foi marcante para a



história. Embora os europeus já estivessem presentes no continente desde o século 15, pela primeira vez a dominação foi efetiva, com ocupação dos territórios do interior. Essa foi a configuração do mapa do continente por cerca de 60 anos, até

Fonte: <http://agora-espacoreflexivo.blogspot.com.br/2011/09/as-causas-e-efeitos-da-partilha-da.html>

o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando os movimentos de independência ganharam força cada vez maior.

Fonte: SERRANO. C. M. H; WALDMAN, Maurício. **Memória d'África** - A Temática Africana em Sala de Aula. Ed. Cortez, 2007.

Resistências na África

Na África Oriental, as sociedades, como a dos buganda e a dos bunyoro, em Uganda já haviam experimentado contato com outras nações. Europeus e árabes frequentavam o interior do território em busca de mercadorias e escravos. O nível de resistência dessas sociedades foi reflexo das influências externas que sofreram.

Observamos resistência na África Central com o Congo Belga (atual República Democrática do Congo), Zâmbia, Malavi, Angola e Moçambique; contamos, ainda, os movimentos na África Meridional, tendo esses exemplos que foram eclodindo em todo território do continente: uns com mais intensidade, outros com menos, mas todos com evidente posição de resistência à dominação colonial. Os países sob dominação portuguesa, como Guiné-Bissau, Angola, Moçambique passaram pelo processo de resistência com peculiaridades em relação aos outros países, pois mesmo estando desde as independências dos países africanos sob domínio de Portugal, ocorreram principalmente pela ação de duas frentes. A primeira delas foi a resistência cotidiana, que já ocorria em solo africano – fruto de movimentos de não-aceitação ao domínio colonial e que foi duramente reprimido pelo governo metropolitano.

A segunda frente deveu-se ao fato de estudantes africanos migrarem para a metrópole (Europa) e lá iniciarem os movimentos de emancipação para depois continuarem em suas próprias pátrias. Entre eles, podemos destacar: Marcelino dos Santos e Noémia de Souza de Moçambique; Mário de Andrade, Agostinho Neto e Lúcio Lara de Angola; Vasco Cabral e Amílcar Cabral de Guiné-Bissau; Alda Espírito Santo e Francisco José Tenreiro de São Tomé e Príncipe, entre outros.

As independências surgiram como fruto de eventos das particularidades de cada país, pois as metrópoles europeias não se viam em condições de se manterem, devido a promessas

feitas aos africanos por sua participação na Segunda Grande Guerra, na luta contra o nazismo e fascismo. Houve a cooperação dos africanos, mas ao retornarem, a vida não mudou, com isso aqueles militantes tornaram-se os novos protagonistas de uma nova reivindicação: A liberdade do país, o que não demorou.

Já em Portugal, com o regime ditatorial, Salazar recusou-se a permitir a “emancipação” dos países africanos. Sua determinação gerou grandes massacres, tanto de tropas metropolitanas como de africanas, até extermínio de etnias inteiras. No entanto, em solo metropolitano os movimentos de contestação se acirraram e cresceu em volume e intensidade o número dos integrantes e/ou associados. O PCP (Partido Comunista Português) buscou apoio da RDA (República Democrática Alemã), que se tornou elo entre Moscou e Portugal, apoio que municiou tanto ideologicamente quanto financeiramente o PCP (Partido Comunista Português), que se promoveu junto a outras forças para o fim do governo de Salazar, forças como as dos estudantes africanos que se tornaram porta-vozes da emancipação de seus países e na sequência líderes dos governos.



Você sabia?

O **Salazarismo** é uma das denominações do “Estado_Novo” português (1933-1974), regime político que pôs fim ao liberalismo em Portugal e inaugurou um período histórico de 41 anos de governo com aspectos fascista, autocrata e corporativista, por 35 anos esteve sob o comando de **Antônio de Oliveira Salazar** (1889-1970).



http://www.suapesquisa.com/historia/ditadura_salazarista.htm;
<https://www.todamateria.com.br/salazarismo-em-portugal/>

*Antônio de Oliveira Salazar
(1889-1970).*



Eduardo Chivambo Mondlane (Manjacaze, Gaza, 20 de Junho de 1920 — Dar es Salaam, 3 de Fevereiro de 1969) foi um dos fundadores e primeiro presidente da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), a organização que lutou pela independência de Moçambique do domínio colonial português. https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Mondlane



Foto do General Antônio de Spínola na Guiné, então colônia portuguesa, em 1971. Spínola morreu em 13 de agosto de 1996, aos 86 anos, em um hospital militar, em decorrência de problemas respiratórios. Ele foi um dos heróis da direita durante as guerras coloniais africanas, e inspirador dos jovens capitães que deram o golpe em 1974, pondo fim à ditadura de Salazar.

Os movimentos pró-independência

A descolonização dos países de dominação portuguesa tiveram impulso após a conferência de BANDUNG – 1955, quando os países asiáticos e africanos reuniram-se, e surgiu pela primeira vez o termo “Terceiro Mundo”. “A maioria dos países participantes da conferência vinham da amarga experiência da colonização, experimentando o domínio econômico, político e social, sendo os habitantes locais submetidos à discriminação racial em sua própria terra, parte da política de domínio europeia”¹

O continente africano foi tomado por uma grande onda com os movimentos pró-independência, a custo de sacrifício e luta armada em escalas de intensidade diferenciadas. Outro fator importante foi o declínio financeiro das nações europeias, o que as impediu de deter tais movimentos que encontravam adeptos dentro da própria metrópole. O surto de independências pós 2ª Guerra Mundial, levou as principais metrópoles a abdicarem de suas colônias, ora com acordo, ou mesmo sem nenhuma objeção, ou ainda, cedendo lugar a outro protetor (outra metrópole).

Com as colônias de Portugal não houve acordo. O governo de Salazar fechou questão quanto à independência dos países africanos, o que gerou grande crise dentro e fora do país. Nas colônias, os confrontos eram constantes e violentos e

Ao mesmo tempo, em Portugal, o fascismo explorava e oprimia os trabalhadores, perseguia, prendia e torturava comunistas e outros democratas que combatiam a ditadura e enviava para uma guerra sem sentido milhares de jovens, muitos dos quais perderam a vida ou foram feridos. (PEREIRA, 2011).

Em 1956, após a conferência de Bandung (1955) – que reuniu 29 países asiáticos e africanos, com o intuito de mapear uma nova força política – os movimentos pelas independências saíram do discurso para a ação política efetiva: Amílcar Cabral, em Guiné-Bissau e Cabo-Verde, fundou o PAI (Partido Africano da Independência). Em Angola surgiu o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) com Agostinho Neto. Logo após, em 1962, surgiu a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) com Eduardo Mondlane. Ao mesmo tempo surgiu o CLSTP (Comitê de Libertação de São Tomé e Príncipe) com Manuel Pinto da Costa. Nesse mesmo período, segundo Carlos Lopes Pereira:

¹ Fonte: <http://www.infoescola.com/historia/conferencia-de-bandung/>

(...) os nacionalistas africanos criam as primeiras organizações unitárias – o Movimento Anticolonialista (MAC), em 1958, que dará lugar à Frente Revolucionária Africana para a Independência das Colônias Portuguesas (FRAIN), em 1960, e, depois, à Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas (CONCP), em 1961, em Casablanca – e multiplicam a participação em congressos de escritores e artistas negros, em conferências afro-asiáticas e pan-africanas, em reuniões internacionais na África (no Gana de Nkrumah, na Guiné-Conakry de Sékou Touré...), à medida que os países do continente vão conquistando a sua independência – entre 1959 e 1961 surgem duas dezenas e meia de novos estados africanos. (PEREIRA, 2011).

Os movimentos pró-independência foram fortemente reprimidos pela metrópole portuguesa. O governo fascista de Salazar, empenhou-se em demonstrar poder e voz de comando.

Foi o movimento pró-independência que derrubou o regime salazarista em Portugal, em 1974, de forma a estabelecer as liberdades democráticas promovendo transformações sociais no país. Após o golpe militar de 1926, foi estabelecida uma ditadura no país. No ano de 1932, Antônio de Oliveira Salazar tornou-se primeiro-ministro das finanças e virtual ditador. Salazar instalou um regime inspirado no fascismo italiano. As liberdades de reunião, de organização e de expressão foram suprimidas com a Constituição de 1933.

Portugal manteve-se neutro durante a Segunda Guerra Mundial. A recusa em conceder independência às colônias africanas estimulou movimentos guerrilheiros de libertação em Moçambique, Guiné-Bissau e Angola. Em 1968 Salazar sofreu um derrame cerebral e foi substituído por seu ex-ministro Marcelo Caetano, que prosseguiu com sua política. A decadência econômica e o desgaste com a guerra colonial provocaram descontentamento na população e nas forças armadas. Isso favoreceu a aparição de um Movimento contra a ditadura. No dia 25 de abril de 1974, explode a revolução. A senha para o início do movimento foi dada à meia-noite através de uma emissora de rádio, a senha era uma música proibida pela censura, Grândula Vila Morena, de Zeca Afonso. Os militares fizeram com que Marcelo Caetano fosse deposto, o que resultou na sua fuga para o Brasil. A presidência de Portugal foi assumida pelo general Antônio de Spínola. A população saiu às ruas para comemorar o fim da ditadura e distribuiu cravos, a flor nacional, aos soldados rebeldes em forma de agradecimento.

<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/revolucao-dos-cravos.htm>

Tal atitude levou os líderes a mudarem de estratégia, não deixaram o discurso de lado, mas puseram as mãos em armas para se defenderem e forçar o Estado português recuar em

suas ações implementadas pela PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado). Não pôde ser ignorada a ação desses grupos em libertar seu país, mas também em lutar contra seus compatriotas. Eclodiram conflitos internos, que em alguns casos, foram financiados e motivados pelo governo português como forma de enfraquecer os ditos “rebeldes”; levando à estratégia de unidade africana, que foi o ponto principal no discurso de Amílcar Cabral.

Para melhor compreensão do processo de descolonização dos países africanos, vamos observar como ele ocorreu na República de Guiné – Bissau.

Para ouvir

O músico e compositor brasileiro, Chico Buarque, em abril de 1974, compôs “Tanto Mar”, uma celebração ao levante vitorioso contra a ditadura salazarista.

<https://youtu.be/9RLScWescyU>

A descolonização de Guiné Bissau

O principal aspecto a ser abordado na descolonização deste país foram os eventos que levaram ao processo de construção de alianças políticas, superando as diferenças étnicas, na busca de uma solução comum aos colonizados: findar o colonialismo português. As ações políticas do PAIGC (*Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde*), com a liderança Amílcar Cabral, até então não haviam conseguido promover a unificação de todos, mesmo que houvesse simpatizantes entre os grupos que comungavam as mesmas ideias. No entanto, com o evento do Porto de Pindjiguidi, como ressaltou Té:

O Massacre do Porto de Pindjiguiti

A revolta e, conseqüentemente, o massacre no Porto de Pindjiguiti, em 1959, marcou o início das preparações concretas para a guerrilha que culminou na independência da Guiné-Bissau, e é unanimemente considerado como símbolo da nacionalidade do povo oprimido lutando por sua emancipação. Nenhuma dúvida existe quanto ao fato histórico e ao seu significado político, social e emocional para o país, sendo o dia do ocorrido uma data comemorada como o dia dos combatentes da pátria e fixada no calendário do país como feriado nacional, logo após a independência do país em 1974.

No dia 03 de agosto de 1959, os marinheiros/estivadores do Cais de Pindjiguiti, descontentes com a situação de trabalho, se juntaram para reivindicar seus direitos de aumento de salário frente aos colonialistas. Este confronto foi carregado de tensão, já que os guineenses também estavam desgastados com a prática colonial exploratória e os portugueses, pressionados, resistiam às ponderações e negociações. Dessa forma, o encontro foi marcado por extrema violência por parte dos portugueses armados que massacraram os 50 marinheiros que lutavam por seus direitos.

O Porto de Pindjiguiti acabou virando o maior símbolo da resistência guineense contra o colonialismo e é referido em muitos versos, principalmente nas coletâneas poéticas que marcaram a madrugada da literatura e musicalidade guineense. (Té, 2015, p. 36-37)

Porém, a resistência que eclodiu não foi fruto de um momento, mas de anos de resistências.

A história da libertação dos povos da Guiné-Bissau teve início bem antes do período da guerra de independência. Os cinco séculos da presença colonial portuguesa no território foram marcados por luta permanente (...).
(Té, 2015, p. 34)

A ação dos formadores da consciência de unidade no povo guineense não foi imediata, pelo contrário, para formação do partido PAI, não ocorreu como esperavam seus idealizadores como observa SILVA.

A reunião durou cerca de uma hora, foram poucos os presentes (a maioria de origem cabo-verdiana) e não há qualquer documento comprovativo. Elisée Turpin afirma que teriam sido “aprovados os

Estatutos do PAI, elaborados por Amílcar”, mas testemunho de Turpin, habitualmente indicado como um dos seis fundadores, está posto em causa” (SILVA, 2006. p. 9)

A independência de Guiné-Bissau foi uma ação que não ocorreu nos últimos anos (1973-1974) do regime fascista em Portugal. Nem se deve a ação e atuação de grupos isolados, mas a um conjunto de ações que culminaram em um processo doloroso para ambos os lados. Em Portugal, vendo o fim do regime pela ação principal da MFA (Movimento das Forças Armadas) que com o golpe, desmontou o aparato do Estado e contou com a fragilidade de seu líder (Salazar). Um Estado fraco e fragmentado, com a ação do PCP (Partido Comunista Português), auxiliado pela RDA (República Democrática Alemã), conseguiram minar ponto a ponto o poder do Estado. Segundo, as colônias se sentiram preparadas para trilhar seus próprios caminhos, o que aconteceu aos poucos, tanto pela fragilidade do Estado quanto pelos acordos que os nativos africanos buscaram com outros, em especial a URSS. Houve também a ação dos partidos nacionais, que com liberdade, local e esclarecida, buscaram a unidade dos diversos grupos nativos, o que proporcionou a unidade nacional. Foi nesse cenário que ocorreu o improvável: Guiné – Bissau, a menos preparada para alguns, a de menor importância para o Estado português, porque a via como parceira, a sem estrutura econômica foi a primeira a se declarar independente.

A custo de sacrifícios tanto dos antigos como dos protagonistas de tal levante, alguns não chegaram a gozar da liberdade nacional, mas seu nome, sua luta, não ficaram esquecidos. O massacre do porto de Pindjiguiti, Amílcar Cabral, a rainha Okinka Pampa e muitos outros foram sim protagonistas de uma liberdade que é conhecida como a pioneira das independências afro-lusitanas, o que abriu caminho para as demais. Guiné-Bissau foi, um fenômeno, pois a menos importante tornou-se a primeira em 24 de setembro de 1973.

ARQUIPÉLAGO DE BIJAGÓ – GUINÉ BISSAU

**RESISTÊNCIA ANTI-COLONIAL**

A resistência das populações autóctones ao colonialismo na região ocidental da África, em particular na Guiné-Bissau, já existia antes da luta armada de libertação nacional. É o caso, por exemplo, dos movimentos de resistência dirigidos pela Rainha Okinka Pampa (rainha da etnia Bijagós). Ela vivia numa das Ilhas da Guiné-Bissau denominada Ilha Bijagós, em Canhabaque. Esta rainha tentou impedir a exploração dos seus homens e a instalação dos colonos

LEITURAS E ATIVIDADES

Para refletir

<p>Antonio Jacinto (1924-1991)</p> <p>MONANGAMBA</p> <p>Naquela roça grande não tem chuva é o suor do meu rosto que rega as plantações; Naquela roça grande tem café maduro e aquele vermelho-cereja são gotas do meu sangue feitas seiva. O café vai ser torrado, pisado, torturado, vai ficar negro, negro da cor do contratado Negro da cor do contratado! Perguntem às aves que cantam, aos regatos de alegre serpentear e ao vento forte do sertão: Quem se levanta cedo? quem vai à tonga? Quem traz pela estrada longa a tipóia ou o cacho de dendém? Quem capina e em paga recebe desdém fuba podre, peixe podre, panos ruins, cinquenta angolares "porrada se refilares"? Quem? Quem faz o milho crescer e os laranjais florescer - Quem? Quem dá dinheiro para o patrão comprar máquinas, carros, senhoras e cabeças de pretos para os motores? Quem faz o branco prosperar, ter barriga grande - ter dinheiro? - Quem? E as aves que cantam, os regatos de alegre serpentear e o vento forte do sertão responderão: - "Monangambééé..." Ah! Deixem-me ao menos subir às palmeiras Deixem-me beber marufo, marufo e esquecer diluído nas minhas bebedeiras - "Monangambééé..." (In <i>Poesia negra de expressão portuguesa</i>, 1953, Lisboa)</p>	<p>José Craveirinha (1922-2003)</p> <p>GRITO NEGRO</p> <p>Eu sou carvão! E tu arrancas-me brutalmente do chão e fazes-me tua mina, patrão. Eu sou carvão! E tu acendes-me, patrão para te servir eternamente como força motriz mas eternamente não, patrão. Eu sou carvão e tenho que arder, sim e queimar tudo com a força da minha combustão. Eu sou o carvão tenho de andar na exploração arder até às cinzas da maldição arder vivo como alcatrão, meu irmão até não ser mais a tua mina, patrão. Eu sou carvão! Tenho que arder queimar tudo com o fogo da minha combustão. Sim! Eu serei o teu carvão, patrão! CRAVEIRINHA, José. Xigubo. Lisboa: Edições 70, 1980.</p>
---	--

1. Leia os dois poemas e depois reflita: De que maneira eles abordam a vida sob o colonialismo?
2. De que maneira revelam insatisfação e desejo de ruptura com o domínio colonial europeu em África?

Para ouvir

Ouçá o poema *Monangamba* do poeta angolano Antonio Jacinto (1924-1991) interpretado pelo também angolano Rui Mingas. O vídeo está disponível no youtube:

<https://www.youtube.com/watch?v=f7CPHC0hZHA&list=RDf7CPHC0hZHA&index=1>

Conclusão

Para concluirmos, chamo a atenção para o processo de colonização que os países europeus implementaram no continente africano. A ferocidade que os europeus se jogaram em busca de novos mercados e matérias-primas para suprir suas necessidades, pela carência que estavam passando em seus territórios.

A Conferência de Berlim é apontada como marco inicial do processo denominado neocolonialismo, processo que mostra claramente que não houve participação dos africanos, território a ser colonizado, destaque para Portugal que ao perceber o interesse de seus parceiros europeus inicia seu próprio processo de demarcação; ressaltando o caso da Libéria e Etiópia, os dois únicos que não foram incluídos na divisão territorial imposta pelas nações europeias.

Portugal é objeto de pesquisa como aquele que vai iniciar o processo de colonização antes mesmo da conferência de Berlim e o último a ceder espaço para suas ex-colônias no continente africano, focamos no processo de descolonização de Guiné-Bissau, passando pela crise do Estado português, a queda do fascismo imposto por Salazar, findando com a Revolta dos Cravos, que foi fruto da ação de movimentos políticos, alguns com apoio de estudantes vindos das colônias portuguesas em África.

Guiné-Bissau sobressai sendo a colônia com menor expressividade econômica, política e estrategicamente vai se tornar a primeira colônia de Portugal em África a declarar sua independência, não sem conflitos, porém, é importante ressaltar o papel dos líderes dos movimentos pró-independências que atinge todas colônias de Portugal, como Amílcar Cabral, uma das principais referências, que é de Guiné-Bissau. Um guineense que estuda em Portugal participa de todo processo político contra o regime fascista de Portugal, viaja para as colônias de Portugal como fomentador de ideias pró-independência, participando da formação de partidos políticos locais que logo tomam força e constitui os principais referenciais de resistência em seus países.

Com isso esperamos ter alcançado apresentar uma visão da ex-colônia Guiné-Bissau que da menor mostra sua força com um povo determinado e proposto a lutar pela liberdade que tinham, mas fora privada com o processo de colonização imposto por Portugal, a visão não só do colonizador, mas do colonizado com personalidades em promover o processo de independência mesmo a custo da própria vida, o caso de Amílcar Cabral.

Que essa experiência seja gratificante para sua vida escolar.

Para saber mais

Por Ron4 - NL Wikipedia [1], Domínio público, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=1073129>

A **Conferência de Bandung** foi uma reunião de 29 países asiáticos e africanos em **Bandung** (Indonésia), entre 18 e 24 de Abril de 1955, com o objetivo de mapear o futuro de uma nova força política global (Terceiro Mundo), visando a promoção da cooperação econômica e cultural afro-asiática, como forma de oposição ao que era considerado colonialismo ou neocolonialismo, por parte dos Estados Unidos e da União Soviética.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Conferência_de_Bandung

CONHEÇA A VIDA DE AMÍLCAR CABRAL – SÍMBOLO DA RESISTÊNCIA DA ÁFRICA PORTUGUESA



Filho de Juvenal Lopes Cabral (Cabo-Verdiano) e de Iva Pinhel Évora (guineense), aos oito anos de idade, sua família mudou-se para Cabo Verde, estabelecendo-se em Santa Catarina (ilha de Santiago), que passou a ser a cidade de sua infância, onde completou o ensino primário. De seguida mudou com a mãe os irmãos para Mindelo, São Vicente, onde veio a terminar o curso liceal em 1943. No ano seguinte, mudou-se para a cidade de Praia, na Ilha de Santiago, e começou a trabalhar na Imprensa Nacional, mas só por um ano pois, tendo conseguido uma bolsa de estudos, no ano de 1945 ingressou no Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa. Após graduar-se em 1950, trabalhou por dois anos na Estação Agronómica de Santarém.

Contratado pelo Ministério do Ultramar como adjunto dos Serviços Agrícolas e Florestais da Guiné, regressou a Bissau em 1952. Iniciou seu trabalho na granja experimental de Pessube percorrendo grande parte do país, de porta em porta, durante o Recenseamento Agrícola de 1953 adquirindo um conhecimento profundo da realidade social vigente. Suas atividades políticas, iniciadas já em Portugal, reservam-lhe a antipatia do Governador da colônia, Melo e Alvim, que o obriga a emigrar para Angola. Nesse país, une-se ao MPLA.

Em 1959, Amílcar Cabral, juntamente com Aristides Pereira, seu irmão Luís Cabral, Fernando Fortes, Júlio de Almeida e Elisée Turpin, funda o partido clandestino Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Quatro anos mais tarde, o

PAIGC sai da clandestinidade ao estabelecer uma delegação na cidade de Conacri, capital da República de Guiné-Conacri. Em 23 de Janeiro de 1963 tem início a luta armada contra a metrópole colonialista, com o ataque ao quartel de Tite, no sul da Guiné-Bissau, a partir de bases na Guiné-Conacri.

Em 1970, Amílcar Cabral, fazendo-se acompanhar de Agostinho Neto e Marcelino dos Santos, é recebido pelo Papa Paulo em audiência privada. Em 21 de Novembro do mesmo ano, o Governador português da Guiné-Bissau determina o início da Operação Mar Verde, com a finalidade de capturar ou mesmo eliminar os líderes do PAIGC, então aquartelados em Conacri. A operação não teve sucesso.

Em 20 de Janeiro de 1973, Amílcar Cabral é assassinado em Conacri, por dois membros de seu próprio partido. Amílcar Cabral profetizara seu fim, ao afirmar: "Se alguém me há de fazer mal, é quem está aqui entre nós. Ninguém mais pode estragar o PAIGC, só nós próprios." Aristides Pereira, substituiu-o na chefia do PAIGC. Após a morte de Cabral a luta armada se intensifica e a independência de Guiné-Bissau é proclamada unilateralmente em 24 de setembro de 1973. Seu meio-irmão, Luís de Almeida Cabral, é nomeado o primeiro presidente do país.

<http://conosaba.blogspot.com.br/2014/01/pequena-biografia-do-amilcar-lobes.html>

PARTE III - PORTIFÓLIO

Carta de apresentação ao curso

Sou professor de História e Geografia, nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, atualmente na E. E. Pedro de Oliveira, em Ponte Alta de Minas, Carangola, MG, há pelo menos oito anos. Formado em História pela FAFILE – UEMG, pós-graduado em História e Cultura Afro – Brasileira pela Faculdade FINOM; concluinte do curso de geografia pela UNIMES. Ressalto, ainda, minha formação em bacharel em Teologia concluído em 1994 no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, bem como complementação com Mestrado pela Faculdade de Teologia Filadélfia com especialização em Psicologia Pastoral. Em ação concomitante iniciei em 1996 na rede pública de ensino de MG, quando identifiquei nova etapa de minha vida. Com uma paixão pela história, busquei nas raízes africanas minha especialização na Cultura Afro-Brasileira. Tenho realizado um trabalho de valorização da cultura afro brasileira em nossa escola, ressaltando desde o início do ano letivo, esclarecimentos e respondendo a questionamentos relacionados a questões raciais de qualquer espécie e, principalmente ligadas a questões sobre a afro-descendência. Em todas as datas propostas pelo calendário escolar, visamos trazer para o palco, questões relacionadas a raízes africanas. No entanto, o grande ápice são eventos que envolvem toda a comunidade local, na realização e culminância no dia 20 de novembro de cada ano, onde são apresentadas danças, músicas, poesias, cartazes (com ênfase em personalidades afro-brasileiras de relevância social, política e até religiosa) comidas típicas, dentre outros.

Desejo muito participar do curso em questão, pois é uma possibilidade de crescimento e oportunidade de divulgar nossa cultura. Nossa escola localiza-se em um distrito rural de Carangola e não temos muitas oportunidades de participar de eventos e/ou cursos como este. Procuo estar antenado com as notícias que são publicadas, relacionadas ao tema. Buscando me aperfeiçoar, ingressei no Curso de “Produção de Material Didático para a Diversidade” pela UFMG, departamento de História, cujo certificado ainda não recebi. Curso de “Direitos Humanos – Direito À Memória e À Verdade” promovido pela Secretaria da Presidência da República (Secretaria Especial de Direitos Humanos e AGERE, chancelado pela Faculdade FINOM) Minhas expectativas são as melhores, entendendo que é mais uma oportunidade de aprender mais ainda sobre a África, continente e história de um continente

que desde muito, vem sendo relegado ao segundo plano da história de muitas nações, o que no Brasil vem mudando, graças a estudos e pesquisas esclarecedoras e motivadoras a essas mudanças. Espero ser escolhido para aprender mais e, com esses novos conhecimentos poder ensinar de maneira mais dinâmica e eficaz aos meus alunos, proporcionando à comunidade uma visão mais clara, atualizada e diferente sobre a África – História, Cultura e Religiosidade, através de projetos que venho implementando anualmente. O que pode ser constatado no meu blog (Resiliente), com fotos e breve histórico de tais atividades.

I - História de vida e memórias

O desafio de falar de si mesmo é um ato de grande coragem, e particularmente é também um ato de introspecção. Descrever uma pequena parte do que já passei me fez refletir que para alguns minhas experiências podem parecer monótonas ou mesmo boçais, mas é a minha história de vida e como tal influenciou em muitas escolhas que fiz no caminho que me fez chegar onde estou hoje.

Nasci um menino negro em um berço humilde, e isso por si só levanta olhares preconceituosos. Muito embora não faltasse a comida na mesa, não tínhamos muito para dividir entre os muitos que se abrigavam na mesma família. Apesar das dificuldades, tive o privilégio de estudar como bolsista em uma escola particular, através da SEE-RJ e desde bem cedo convivi com crianças negras e mestiças, se tal designação for coerente. Por isso, convivi bem de perto com preconceito, mas não entendo tanto como a ideia de racismo, pois os grupos com os quais eu convivía, seja família ou amigos, não me proporcionaram experiências de cunho racista. No entanto, sofri de forma indireta convivendo com pessoas que sofreram o preconceito racial na pele.

Na escola consegui me adaptar bem, havia crianças com a mesma cor que eu, e eu conseguia obter boas notas, mesmo que essas crianças não compartilhassem da minha condição social, não me lembro de haver sofrido com o racismo. Infelizmente, entendo que houve sim episódios de preconceito, mas mais pela condição social do que pela cor da pele.

Conseguí vencer a etapa do ensino fundamental com louvor, migrei para outra escola, também particular, com uma bolsa de estudos. Logrei o ensino médio, esse com maior dificuldade, pois nessa época eu estava no serviço militar. A rotina de acordar cedo, ir para o quartel e por lá permanecer o dia inteiro até a noite sentado na cadeira da escola até as 23:00 horas era cansativo. No outro dia, às três horas da manhã começava tudo de novo. A conclusão foi tensa, mas consegui.

O serviço militar me prendeu por seis anos, e isso me proporcionou vários cursos livres, porém, ainda faltava algo: o nível superior. Consegui oportunidade no curso de Direito, e quase entrei na faculdade de Ciências Contábeis. Surpreendentemente, migrei para uma área nada comum, o Bacharel em Teologia. Iniciei uma nova jornada, e lá me deparei sim, com algumas situações de racismo. Eu paguei um preço que muitos não quiseram pagar, eu não me

calei quando muitos se calaram, quando se aliaram aos que faziam. Porém, o mérito não é só meu, tive um bom professor, meu avô, JOSÉ DOMINGOS – negro, pobre, imigrante e acima de tudo um grande lutador- que sempre se posicionou contra injustiças e todo e qualquer tipo de preconceito. Ele, em todo tempo deixava claro que somos todos iguais, infelizmente descobri da maneira mais triste e complicada que ele dizia a verdade, mas não para todos.

Formei-me bacharel, e estudando me fascinei por história, principalmente história antiga, e por esta razão, quando pude, busquei o curso de licenciatura e lá eu me encontrei. Já havia lecionado Matemática, Física, Química e Ciências, e mesmo em uma faculdade de teologia lecionei História do Antigo Testamento. Lecionando, novos horizontes se abriram para mim, um deles foi a história do continente africano, eu não sabia nada sobre o assunto. Todas as informações que tinha eram limitadas e inconclusivas. Ao escolher livros didáticos, deparei com material que explorava tal tema e percebi aí que ainda faltava muito a ser explorado, então mergulhei nesta temática.

II - Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis

Iniciei com a proposta do Estado em fazer alguma atividade voltada para a temática no dia 20 de novembro, com uma abordagem bem anti-ortodoxa. Em uma palestra, a primeira atividade voltada para o tema, eu propus a palestra de uma “babalorixá” (pai de santo), em uma comunidade extremamente católica. Fiquei com um pouco de receio, mas fui em frente. Para minha alegria a palestra foi um sucesso. E foi marcante para mim a apresentação de orixás na forma de bonecas.







À partir desse dia, dei o pontapé inicial em minhas atividades voltadas para a cultura Afro-brasileira, eu sentia a necessidade de estudar e me aperfeiçoar a cada ano. A oportunidade de fazer o curso de pós-graduação foi recebida por mim com muito entusiasmo e a expectativa está sendo superada. Encontrei uma visão diferente, um grande acervo de material, e isso levou minha didática para um nível superior que com toda certeza tem sido de grande valia para minha prática atual. Mas acredito que o maior enriquecimento foi o pessoal. Em uma aula da professora Carolina Bezerra, ela indicou o filme “*O Aluno*”. O drama me trouxe uma reflexão sobre minhas raízes e em especial sobre meu avô. Um guerreiro que foi convidado a uma nova fase, foi para o “seio de Abraão”, meu herói meu referencial. Partiu em fevereiro de 2015.



O fato de que eu, minha esposa e filha compartilhamos muito nossas experiências uns com os outros me levou, logicamente, a compartilhar as experiências desse curso. E, minha filha que, desde o início se mostrou interessada em saber mais e mais, trouxe-me uma

grata e saborosa homenagem, a meu avô, aquele lutador. ²

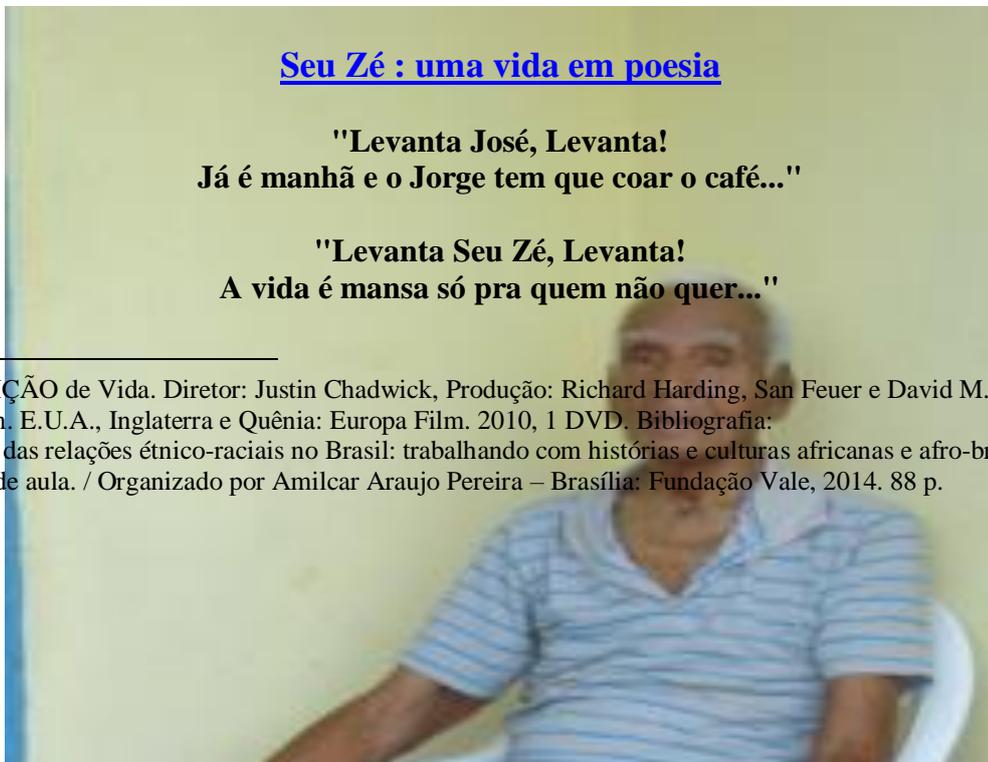
Homenagem feita por minha filha ANNA STEPHANY:

Seu Zé : uma vida em poesia

**"Levanta José, Levanta!
Já é manhã e o Jorge tem que coar o café..."**

**"Levanta Seu Zé, Levanta!
A vida é mansa só pra quem não quer..."**

² UMA LIÇÃO de Vida. Diretor: Justin Chadwick, Produção: Richard Harding, San Feuer e David M. Thompson. E.U.A., Inglaterra e Quênia: Europa Film. 2010, 1 DVD. Bibliografia: Educação das relações étnico-raciais no Brasil: trabalhando com histórias e culturas africanas e afro-brasileiras nas salas de aula. / Organizado por Amílcar Araujo Pereira – Brasília: Fundação Vale, 2014. 88 p.



**Seu Zé se desfaz da desgraça, esquece a dor da raça
Seu Zé usa bengala como arma
Seu Zé trabalha, batalha**

**"Levanta homem! Ergue esse corpo..."
Não conquistaste teu mundo, mas crias-te o deles.
Eles, os filhos deles...e de quem mais pudesse cuidar.
Deste o melhor que poderia ser dado
O mais precioso recado:
Ternura...
Bravura...
Respeito.**

**José Carlos já é moço feito, tu deixas teu filho homem no mundo
Perdeu sua flor, e se curvou com a dor...
Mas a vida continua, crua...**

**"Levanta Seu Zé! Veja!"
Tens com quem contar
A ferida que nunca cicatriza foi esquecida
o Criolo veio lhe avisar**

**Dorme Seu Zé, descansa...
Tu fez muito pra ser orgulhar,
Dorme com a cabeça erguida,
Tu ganhaste teu lugar.**

Bisneta de Zé Domingos.

Foi uma grata surpresa. Mais do que isso, me deparei com uma verdade: nossas raízes vão mais além, muito mais do que conseguimos dimensionar. Às vezes o que eu, em algum momento, tinha deixado de lado, está vivo e se mostra vivo toda vez que estudo mais e que consigo assumir uma postura crítica. Muito embora eu saiba que tenho muito a melhorar, vejo que estudando, estudando sempre, tenho caminho oportuno para chegar aonde pretendo e me tornar um profissional sempre melhor.

Algumas discussões da pós:

Representações sobre a África

- Imaginário europeu em relação a África
- Raça, Racialismo e Racismo
- Africanismo e Afrocentrismo

- Imaginário da África no Brasil
- Imaginários e os movimentos sociais no Brasil
- Oficina de desconstrução do imaginário.

1 – O imaginário é o que diferencia de uma perspectiva histórica, pois mesmo nos livros didáticos percebe-se que tal imaginário é carregado do imaginário eurocêntrico várias informações, novas e outras não tão novas, mas com certeza a relação com a África que não conhecemos passa ser deslumbrada pouco a pouco. Geográfica e também cristã, como citado pela professora Sônia (Atos dos Apóstolos 8:26-40) – “encontro do Eunuco com Felipe”, a separação do catolicismo (católica e ortodoxa). Início da investida portuguesa no continente – 1415. A professora traça uma trajetória do que era a África sem influência europeia e o que se torna com tal influência chegando ao neocolonialismo.

2 – Falar da raça é inquestionável quando partimos para tratar de África. A diferença entre racionalismo e racismo, como tais conceitos pode esclarecer o que conhecemos, e o que temos a conhecer, pré-conceitos criados pelo eurocentrismo, mesmo que de forma contrária fizesse com que o africano se torne um ser a ser estudado no campo das ciências sociais, médica e política.

Algumas teses expostas por Renato da Silveira, “O racismo teórico surge quando o etnocentrismo espontâneo e racionalizações mais ou menos fragmentarias dão lugar a sistemas de representações elaboradas, interligados a uma concepção geral do mundo” – pag. 94.

As diversas teses em momentos diversos da história mostram-se como protagonista desses eventos com altos e baixos da parte de seus autores o conflito da cristandade quando advoga a inferioridade do continente e mesmo o cálculo do cérebro, que jogou por erra teoria ao medir o próprio autor.

Darwinismo, higienização, geneticismo ocuparam lugar de destaque, lembrando que sempre partindo de uma perspectiva eurocêntrica e a inferiorização do africano (negro).

3 – Africanismo e afrocentrismo

Raça em seus significado biológico, antropológico. Representação e imagens da África. O eurocentrismo é o ditador, pois não existe, ou existia uma história que não fosse eurocêntrica. Porém, percebe-se um distanciamento a partir de estudo que vão elencar a

africanidade como instrumento libertador e o afrocentrismo advogando que existe uma história da África que não pode ser negligenciada.

III - Práticas pedagógicas, intervenções e ações sócio-educativas

Exponho nesta terceira parte do portfólio um projeto de trabalho denominado “Projeto Viagem pela Diversidade”, desenvolvido por mim para ser trabalhado na escola em que atuo juntamente com os demais professores. A necessidade de aplicação deste projeto na escola se explica pelo perfil do alunado e também pelas exigências impostas com a lei 10.639/03.

Jorge Luiz Domingos dos Santos

NOSSAS RAÍZES – “ÁFRICA”

JUIZ DE FORA

2016

Práticas pedagógicas, intervenções e ações socioeducativas

Exponho nessa terceira parte do portfólio um projeto de trabalho denominado “ Projeto Viagem pela Diversidade”, desenvolvido por mim para ser trabalhado na escola onde atuo, juntamente com os professores regentes de turma do 1º ao 5º ano de escolaridade.

A necessidade de aplicação desse projeto na escola deve-se ao fato de que o tema não é ministrado em proporção ideal. Geralmente, as atividades se restringem ao dia da Consciência Negra. O referido projeto pretende auxiliar a escola com as turmas dos anos iniciais, incentivando a curiosidade dos alunos por nossa história real, aquela em que os verdadeiros heróis sequer estão presentes nos livros didáticos. É uma forma divertida de introduzir o assunto e possibilitar maior abertura do tema no âmbito escolar.

Trataremos da diversidade com ênfase na cultura afro-brasileira.

Apresentação

O Projeto Viagem pela Diversidade, é um projeto de leitura para alunos do 1º ao 5º ano de escolaridade da E. E. Joaquim Bartholomeu Pedrosa, localizada à Av. Maria Amélia de Souza Pedrosa, 325, Centro – Fervedouro – Minas Gerais.

Será desenvolvido no período de março a novembro do ano de 2017, com a participação dos professores regentes das referidas turmas, além dos professores no uso de biblioteca, professores de Educação Física, professor eventual.

A culminância do projeto está prevista para o dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra, com exposição de trabalhos, apresentações culturais, oficinas, dentre outras atividades a serem definidas no decorrer do mesmo.

Justificativa

Durante anos, nossas escolas só ministravam conteúdos restritos a respeito da diversidade cultural brasileira, geralmente, o pouco que os livros didáticos ofereciam, de forma superficial e discriminatória.

Em 2003 a Lei 10639/2003 torna obrigatório o ensino da História e cultura Afro – Brasileira e Africana em todas as disciplinas e, no ano de 2008, a Lei 11645/08 – que trata da História e Cultura Indígena.

O projeto aqui apresentado visa despertar o desejo pelo conhecimento de tais culturas, bem como sua valorização e efetiva implementação prática no currículo escolar, de forma agradável e prazerosa.

Objetivos

Despertar o interesse pela história dos diversos povos que formam o povo brasileiro.

Promover o conhecimento da história do povo africano e indígena.

Desenvolver a leitura deleite nos anos iniciais focada na diversidade.

Identificar as contribuições dos povos africanos e indígenas em nossa cultura, religiosidade, literatura, arte, culinária e demais aspectos de nossa história.

Metodologia e Desenvolvimento

Os trabalhos serão realizados através de aulas expositivas, apresentação de filmes, danças, músicas, pesquisas, bolsa viajante.

Na primeira etapa do projeto as crianças terão um primeiro contato com as bolsas viajantes que são uma espécie de mochila ou bolsa que as crianças levam para casa com um conto ou livro dentro. Junto com o conto vai também o passaporte para a viagem literária, que é um bloco ou caderno para a criança registrar o que ela entendeu do conto, a parte que mais gostou, o que achou da viagem.

Cada turma deverá ter pelo menos uma bolsa viajante, contendo contos africanos e indígenas, além do caderno com o roteiro de atividades (passaporte da viagem).

A cada dia um aluno é o portador da bolsa viajante. Leva para casa, lê quantos contos desejar, escolhe um deles e realiza a atividade proposta no passaporte da viagem (caderno de atividades). No dia seguinte, outro aluno segue o mesmo processo. Quando toda a turma faz a viagem, trocam-se os contos e a atividade e o processo reinicia. Ao retornar para a sala de aula as crianças mostram seus passaportes para os professores, que serão os responsáveis por essa etapa do projeto. A cada registro as crianças ganham um carimbo no passaporte e a cada 4 carimbos ganham uma aula com brincadeiras africanas ou indígenas.

Na segunda etapa do projeto serão trabalhadas atividades de acordo com o nível de escolaridade, desenhos, colagens, interpretação e produção de textos, poemas, entrevistas e outros.

São sugeridas atividades a serem trabalhadas durante o ano letivo, enfatizando:

- Identidade
- Brinquedos e brincadeiras de ontem e de hoje
- Escolas de ontem e de hoje
- Máscaras africanas

- Instrumentos musicais
- Culinária
- Contos africanos
- Atividades de interpretação de textos
- Confecção de cartazes, murais.
- Apresentações musicais e teatrais no Momento Cívico.

Durante a terceira etapa serão realizadas apresentações musicais, danças, teatro, recitais, durante o momento cívico que é realizado semanalmente, cada semana por uma turma. Essa fase será coordenada pela supervisora pedagógica com os professores no uso de biblioteca e eventual.

Cronograma

As atividades do projeto serão desenvolvidas no período de março a novembro de 2017, com encerramento previsto para o dia 20 de novembro.

Data	Atividade	Responsável
Março 03/03/2017	Abertura do projeto para os alunos do 1º ao 5º ano no momento cívico.	Professores e supervisora
10/03/17	Momento cívico	1º ano
17/03/17	Momento cívico	2º ano 01
24/03/17	Momento cívico	2º ano 02
31/03/17	Momento cívico	3º ano 01
07/04/17	Momento cívico	3º ano 02
28/04/17	Momento cívico	4º ano 01
05/05/17	Momento cívico	4º ano 02
12/05/17	Momento cívico	5º ano 01
19/05/17	Momento cívico	5º ano 02
26/05/17	Momento cívico	1º ano
02/06/17	Momento cívico	2º ano 01
09/06/17	Momento cívico	2º ano 02
23/06/17	Momento cívico	3º ano 01
30/06/17	Momento cívico	3º ano 02
07/07/17	Momento cívico	4º ano 01
14/07/17	Momento cívico	Todas as turmas

04/08/17	Momento cívico	4º ano 02
11/08/17	Momento cívico	5º ano 01
18/08/17	Momento cívico	5º ano 02
25/08/17	Momento cívico	1º ano
01/09/17	Momento cívico	2º ano 01
15/09/17	Momento cívico	2º ano 02
22/09/17	Momento cívico	3º ano 01
29/09/17	Momento cívico	3º ano 02
06/10/17	Momento cívico	4º ano 01
20/10/17	Momento cívico	4º ano 02
27/10/17	Momento cívico	5º ano 01
10/11/17	Momento cívico	5º ano 02
20/11/17	Consciência Negra	Toda a escola

As demais atividades serão realizadas no decorrer do ano letivo. A bolsa viajante é diária. As aulas de brincadeiras africanas ou indígenas serão mensais. Todas as outras tarefas serão inseridas nos conteúdos a serem trabalhados.

Resultados Esperados

Esperamos que ao final desse projeto, haja um verdadeiro despertar para a importância do trabalho com a diversidade e a valorização da cultura negra e indígena nos anos iniciais do ensino fundamental, que formam o alicerce de toda a formação educativa de nossos alunos. Um conhecimento livre de preconceitos e discriminações, voltado de forma legítima para o respeito e o resgate de nossos valores mais preciosos.

Avaliação

A avaliação acontecerá no decorrer do projeto, que poderá sofrer alterações, caso seja necessário, sem perder o foco primordial.

Abaixo modelo do passaporte:



PASSAPORTE

DA

DIVERSIDADE



1

VOCÊ ESTÁ INICANDO UMA MARAVILHOSA VIAGEM PELAS CORES DO NOSSO POVO, SUA HISTÓRIA, CULTURA, RELIGIOSIDADE E TODAS AS BOAS HERANÇAS QUE NOS DEIXARAM.



Confira seus documentos:

Passaporte: livros

Passagem: emoção

Bagagem: sentimento

Transporte: Imaginação

Não esqueça de preencher o diário de bordo.

Tudo pronto!

Então...

Boa Viagem!!!

Este passaporte
É válido para
Todas as viagens
Através da leitura.



Viagem Nº 01

Nome do livro ou conto: _____

Viajante: _____

Povo visitado : _____

Data da viagem : _____

Quem conheci : _____

De quem mais gostei. Por quê _____

Qual parte mais gostei. Por quê. _____

Resumo da viagem: _____

Ilustração



Viagem nº 02

Nome do livro ou conto: _____

Viajante: _____

Povo visitado: _____

Data da viagem: _____

Como me senti: _____

Parte mais interessante. _____

Personagem que não gostei. Por quê. _____

Ilustração



Viagem nº 03

Nome do livro ou conto: _____

Viajante: _____

Povo visitado: _____

Data da viagem: _____

Desenhe a parte que mais gostou. Justifique

Ilustre a parte que menos gostou. Justifique.



Viagem nº 04

Nome do livro ou conto: _____

Viajante: _____

Povo visitado: _____

Data da viagem: _____

Descreva o ambiente em que acontece a história.

Ilustre a atividade anterior



Viagem nº 05

Nome do livro ou conto: _____

Viajante: _____

Povo visitado: _____

Data da viagem: _____

Descreva os personagens principais.

a) Características físicas:

b) Características psicológicas.

Ilustrações



Viagem nº 06

Nome do livro ou conto: _____

Viajante: _____

Povo visitado: _____

Data da viagem: _____

O que aprendi nessa viagem.

Ilustração



Viagem nº 07

Nome do livro ou conto: _____

Viajante: _____

Povo visitado: _____

Data da viagem: _____

Invente outro final para a história.

Ilustração



Viagem nº 08

Nome do livro ou conto: _____

Viajante: _____

Povo visitado: _____

Data da viagem: _____

Hoje você vai fazer um trabalho diferente: faça um comentário sobre o personagem que não lhe agradou nesta história. Justifique a sua escolha.

Ilustração



Viagem nº 09

Nome do livro ou conto: _____

Viajante: _____

Povo visitado: _____

Data da viagem: _____

Fizemos tantas viagens!! Agora vamos conhecer a vida daquele artista famoso?!

Você estará lendo uma **BIOGRAFIA**.

O que esta pessoa faz ou fazia?

O que mais chamou atenção na vida desta pessoa?

Cite algumas obras desse autor:



Viagem nº 10

Nome do livro ou conto: _____

Viajante: _____

Povo visitado: _____

Data da viagem: _____

Agora é a sua vez!

Crie um Conto bem interessante!

Não se esqueça de ilustrar!

Ilustração:



Conclusão

Você viajou muito, conheceu lugares, pessoas, bichos e histórias diferentes.

Deixe aqui, o registro de suas aventuras no mundo encantado da leitura.

a) Viagem que mais gostou. Por quê?

b) viagem que menos gostou. Por quê?

c) Recomendação

d) Deixe sua mensagem sobre o projeto realizado.



Referências:

Contos africanos

Coleção vivendo a diversidade- Pilar Espí - Editora Fapi -

UMA LIÇÃO de Vida. Diretor: Justin Chadwick, Produção: Richard Harding, San Feuer e David M. Thompson. E.U.A., Inglaterra e Quênia: Europa Film. 2010, 1 DVD.

Educação das relações étnico-raciais no Brasil: trabalhando com histórias e culturas africanas e afro-brasileiras nas salas de aula. / Organizado por Amilcar Araujo Pereira – Brasília: Fundação Vale, 2014. 88 p.

SISTO, Celso. Mãe África: mitos, lendas, fabulas e contos/reconto e ilustrações – São Paulo, Paulus, 2007.

YAMÃ, Yaguarê. Contos da floresta – 1ª ed. – São Paulo. Petrópolis, 2012.

UMA LIÇÃO de Vida. Diretor: Justin Chadwick, Produção: Richard Harding, San Feuer e David M. Thompson. E.U.A., Inglaterra e Quênia: Europa Film. 2010, 1 DVD.

TÉ, Júlio António Apono. **Música, mídia e identidade nacional na Guiné-Bissau: da revolução armada à independência.** Marília, 2016.

CONCEIÇÃO, José Maria Nunes Pereira. **África um novo olhar.** 1ª ed. Rio de Janeiro: CEAP, 2006

OLIVA, Anderson Ribeiro, **A história da África nos bancos escolares: representações e impressões na literatura didática.** Estudos afro-asiáticos. 25,3 (2003), p. 421-461.

Disponível em http://www.scielo.br.php?script=sci_arttext&pid=s0101.

FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. **História da África** – Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2011.

MWANZI. Henry A. Iniciativas e resistência africanas na África oriental, 1880-1914.

História geral da África: África sob dominação colonial, 1880-1935. VII. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-189.

ANTÔNIO E. Duarte Silva, « **Guiné-Bissau: a causa do nacionalismo e a fundação do PAIGC** », Cadernos de Estudos Africanos [Online], 9/10 | 2006, posto online no dia 27 Maio 2014, consultado o 30

Setembro 2016. URL : <http://cea.revues.org/1236> ; DOI : 10.4000/cea.1236.

PEREIRA, C. L. Angola, Guiné-Bissau e Moçambique: Meio século de combates pela emancipação. disponível em <http://avante.pt/pt/1941/temas/112580/>

SERRANO. C. M. H. e WALDMAN, Maurício. **Memória d'África** - A Temática Africana em Sala de Aula. Ed. Cortez, 2007.

DURÃO, Gustavo de Andrade. Imperialismo e Colonialismo na África. In: SANTOS, Patrícia Teixeira. (Org.). **Os Africanos dentro e fora da África**. 1º ed. Curitiba: Positivo, 2015, p. 61-80. (Coleção África e Brasil – Vol. 2).

<http://www.infoescola.com/historia/conferencia-de-bandung/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Mondlane

https://pt.wikipedia.org/wiki/Conferência_de_Bandung

SANTOS, A.B. dos, Por dentro da História: Há 131 anos, a África era repartida na Conferência de Berlim: Disponível em <<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/por-dentro-da-historia-ha-130-anos-a-africa-era-repartida>>. Acessado em 30.12.2016.

SANTIAGO. E. Conferência de Bandung: disponível em <<http://www.infoescola.com/historia/conferencia-de-bandung/>>. Acessado em 30.12.2016.

A Conferência de Bandung: Disponível em <<http://maishistoria.com.br/a-conferencia-de-bandung/>>. Acessado em 30.12.2016.

Revolução dos Cravos: Disponível em <<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/revolucao-dos-cravos.htm>>. Acessado em 30.12.2016.

Ditadura Salazarista em Portugal: Disponível em <http://www.suapesquisa.com/historia/ditadura_salazarista.htm>. Acessado em 30.12.2016.

Salazarismo em Portugal: Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/salazarismo-em-portugal/>>. Acessado em 30.12.2016.

PINA. R. Brasil de Fato | São Paulo (SP), 08 de Janeiro de 2017. Ensino de história da África ainda não está nos planos pedagógicos: Disponível em <<https://www.brasilefato.com.br/2017/01/08/ensino-de-historia-da-africa-ainda-nao-esta-nos-planos-pedagogicos-diz-professora/>>. Acessado em 12.01.2017

Anexos:

Contos

Africanos

A Menina que não falava

Certo dia, um rapaz viu uma rapariga muito bonita e apaixonou-se por ela. Como se queria casar com ela, no outro dia, foi ter com os pais da rapariga para tratar do assunto.

__Essa nossa filha não fala. Caso consigas fazê-la falar, podes casar com ela, responderam os pais da rapariga.

O rapaz aproximou-se da menina e começou a fazer-lhe várias perguntas, a contar coisas engraçadas, bem como a insultá-la, mas a miúda não chegou a rir e não pronunciou uma só palavra. O rapaz desistiu e foi-se embora.

Após este rapaz, seguiram-se outros pretendentes, alguns com muita fortuna, mas, ninguém conseguiu fazê-la falar.

O último pretendente era um rapaz sujo, pobre e insignificante. Apareceu junto dos pais da rapariga dizendo que queria casar com ela, ao que os pais responderam:

__Se já várias pessoas apresentáveis e com muito dinheiro não conseguiram fazê-la falar, tu é que vais conseguir? Nem penses nisso!

O rapaz insistiu e pediu que o deixassem tentar a sorte. Por fim, os pais acederam.

O rapaz pediu à rapariga para irem à sua machamba, para esta o ajudar a sachar. A machamba estava carregada de muito milho e amendoim e o rapaz começou a sachá-los.

Depois de muito trabalho, a menina ao ver que o rapaz estava a acabar com os seus produtos, perguntou-lhe:

__ O que estás a fazer?

O rapaz começou a rir e, por fim, disse para regressarem a casa para junto dos pais dela e acabarem de uma vez com a questão.

Quando aí chegaram, o rapaz contou o que se tinha passado na machamba. A questão foi discutida pelos anciãos da aldeia e organizou-se um grande casamento.

O Homem e a Filha

Era uma vez um casal que teve uma filha. A mulher morreu pouco depois do parto e a criança foi criada pelo pai. Quando a menina cresceu, o pai anunciou-lhe:

__ Minha filha, quero casar contigo!

Mas a menina respondeu:

__ Isso não é bom. Seremos descobertos pelos outros, pois no mundo não há segredos!

__ Sempre quero ver se no mundo não há segredos, disse o pai.

Foi buscar arroz, vazou duas medidas numa panela e cozinhou-o. Em seguida, levou a panela para o mato e enterrou-a. Ninguém sabia que ele tinha enterrado no mato uma panela cheia de arroz a não ser ele próprio e a filha.

Tempos mais tarde, apareceram homens com redes para caçar no mato. Eles não sabiam que no local onde caçavam, debaixo de uma árvore, estava enterrada uma panela cheia de arroz. Descobriram, admirados, que formigas brancas saídas da terra junto daquela árvore, transportavam grão de arroz.

De imediato cavaram o buraco e encontraram uma panela cheia de arroz cozido.

A filha, então, voltou-se para o pai:

__ Está a ver papá? Eu não lhe disse que o mundo não tem segredos?!

Comentário: No mundo não há segredos, a filha bem o sabia!

A Origem do Tambor

CONTO POPULAR DA GUINÉ-BISSAU

Dizem na Guiné que a primeira viagem à Lua foi feita pelo Macaquinho de nariz branco.

Segundo dizem, certo dia, os macaquinhos de nariz branco resolveram fazer uma viagem à Lua a fim de traze-la para a Terra.

Após tanto tentar subir, sem nenhum sucesso, um deles, dizem que o menor, teve a idéia de subirem uns por cima dos outros, até que um deles conseguiu chegar à Lua.

Porém, a pilha de macacos desmoronou e todos caíram, menos o menor, que ficou pendurado na Lua. Esta lhe deu a mão e o ajudou a subir.

A Lua gostou tanto dele que lhe ofereceu, como regalo, um tamborinho.

O macaquinho foi ficando por lá, até que começou a sentir saudades de casa e resolveu pedir à Lua que o deixasse voltar.

A lua o amarrou ao tamborinho para descê-lo pela corda, pedindo a ele que não tocasse antes de chegar à Terra e, assim que chegasse, tocasse bem forte para que ela cortasse o fio.

O Macaquinho foi descendo feliz da vida, mas na metade do caminho, não resistiu e tocou o tamborinho. Ao ouvir o som do tambor a Lua pensou que o Macaquinho houvesse chegado à Terra e cortou a corda.

O Macaquinho caiu e, antes de morrer, ainda pode dizer a uma moça que o encontrou, que aquilo que ele tinha era um tamborinho, que deveria ser entregue aos homens do seu país.

A moça foi logo contar a todos sobre o ocorrido. Vieram pessoas de todo o país e, naquela terra africana, ouviam-se os primeiros sons de tambor.

COMO SURTIU A GALINHA D"ANGOLA

Antigamente as aves viviam felizes nos campos e florestas africanas, até que a inveja se instalou entre elas tornando insuportável a convivência.

Nessa ocasião, quase todos os pássaros passaram a invejar a família do Melro, que era muito bonito. O macho, com sua plumagem negra e seu bico amarelo –alaranjado, despertava em todos a vontade de ser igual a ele. As fêmeas tinham o dorso preto, o peito pardo-escuro, malhado de pardo-claro, e a garganta com manchas esbranquiçadas. Elas causavam inveja maior ainda.

O Melro, vaidoso, certo de sua beleza, prometeu que se todas as aves o obedecessem usaria seus poderes mágicos e os tornaria negros com plumagem brilhante. Entretanto, os pássaros logo começaram a desobedecê-lo. Então ele, furioso, jurou vingança, rogou-lhes uma praga e deu-lhes cores e aspectos diferentes.

Para a Galinha D"Angola, disse que seria magra e sentiria fraqueza constante. Fez com que seu corpo se tornasse pintado assim como o de um leopardo. Dessa forma, seria devorada por aqueles felinos, que não suportariam ver outro animal que tivesse o corpo tão belo, pintado de uma maneira semelhante ao deles. Ela pagaria assim por sua inveja. E foi isso que aconteceu.

Desde esse dia a Galinha D"Angola, embora seja muito esperta e voe para fugir dos caçadores, vive reclamando to fraca, to fraca. Com suas perninhas magras, foge com seu bando assim que surge algum perigo e é muito difícil alcançá-la. Suas penas, cinzas, brancas ou azuladas, são sempre manchadinhas de escuro tornando as galinhas d"angola belas e cobiçadas

"O Jabuti e o Leopardo"

O jabuti, distraído como sempre, estava voltando apressado para casa. A noite começava a cobrir a floresta com seu manto escuro e o melhor era apertar o passo.

De repente ...caiu numa armadilha!

Um buraco profundo coberto por folhas de palmeiras que havia sido cavado na trilha, no meio da floresta, pelos caçadores da aldeia para aprisionar os animais.

O jabuti, graças a seu grosso casco, não se machucou na queda, mas...como escapulir dali? Tinha que encontrar uma solução antes do amanhecer se não quisesse virar sopa para os aldeões...

Estava ainda perdido em seus pensamentos quando um leopardo caiu também na mesma armadilha!!! O jabuti deu um pulo, fingindo ter sido incomodado em seu refúgio, e berrou para o leopardo:

"-Que é isto? O que está fazendo aqui? Isto são modos de entrar em minha casa? Não sabe pedir licença?!"

E quanto mais gritava. E continuou...

"-Não vê por onde anda? Não sabe que não gosto de receber visitas a estas horas da noite? Saia já daqui! Seu pintado mal-educado!!!"

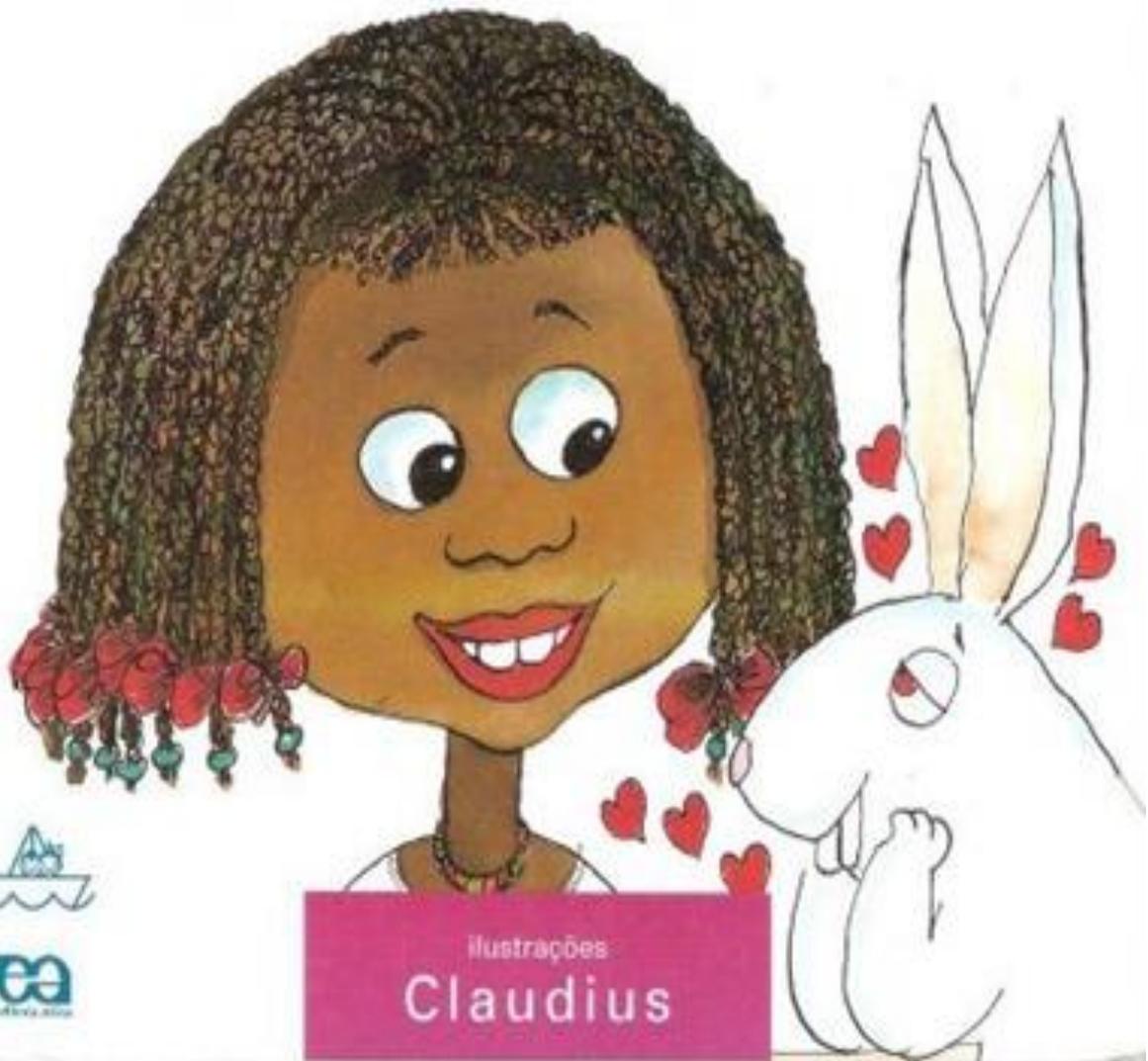
O leopardo bufando de raiva com tal atrevimento, agarrou o jabuti...e com toda a força jogou-o para fora do buraco!

O jabuti, feliz da vida, foi andando para sua casa tranquilamente!

Há! Espantado ficou o leopardo...

Ana Maria
Machado

Menina bonita do laço de fita



Ilustrações
Claudius



ALA DE LIVROS DE CRIANÇA

A BONEQUINHA PRETA

BRUNO

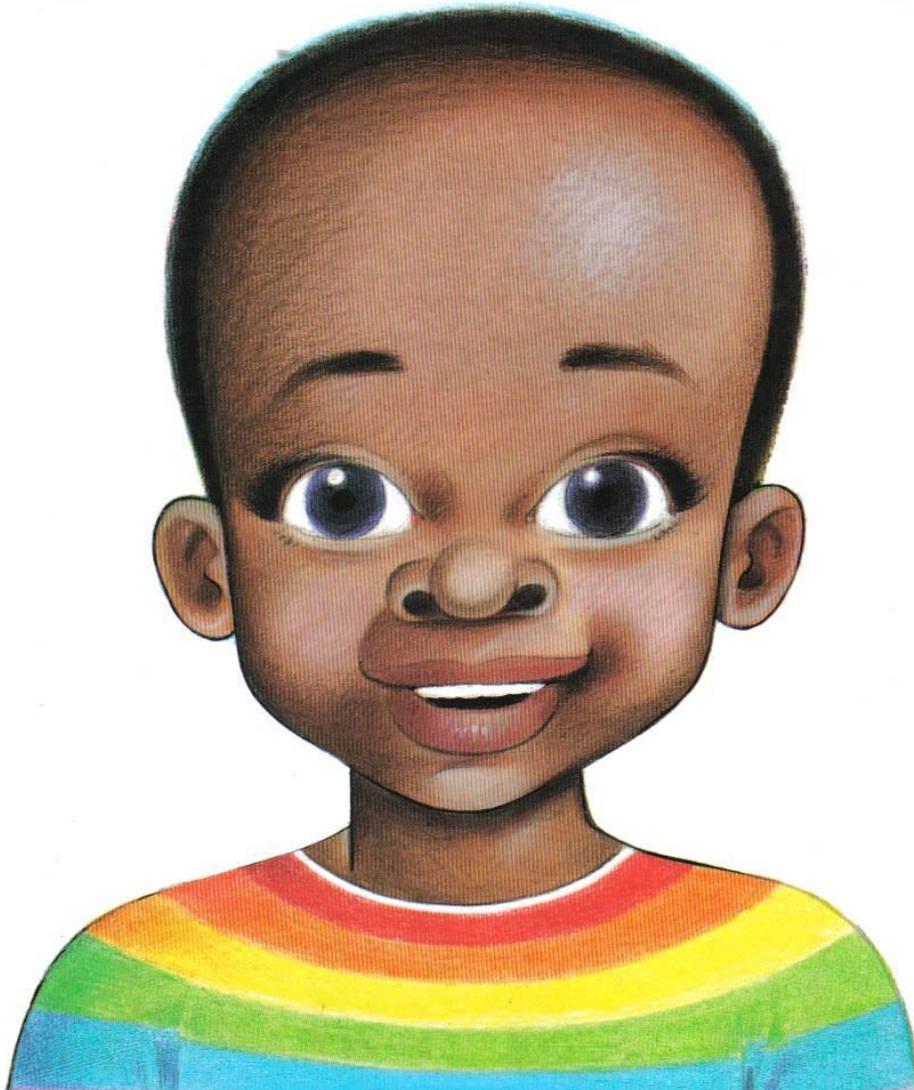


RICARDO DE



Ziraldo **O**
MENINO
MARROM

34ª
IMPRESSÃO

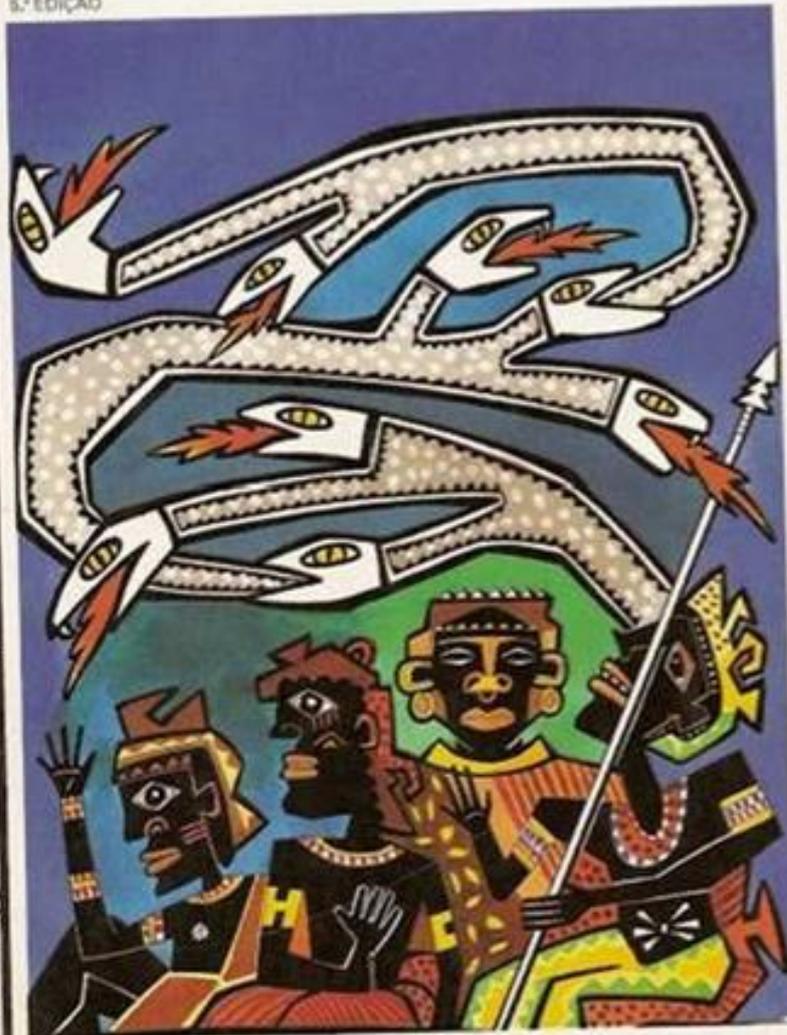


MICHAELIS
qualidade MELHORAMENTOS

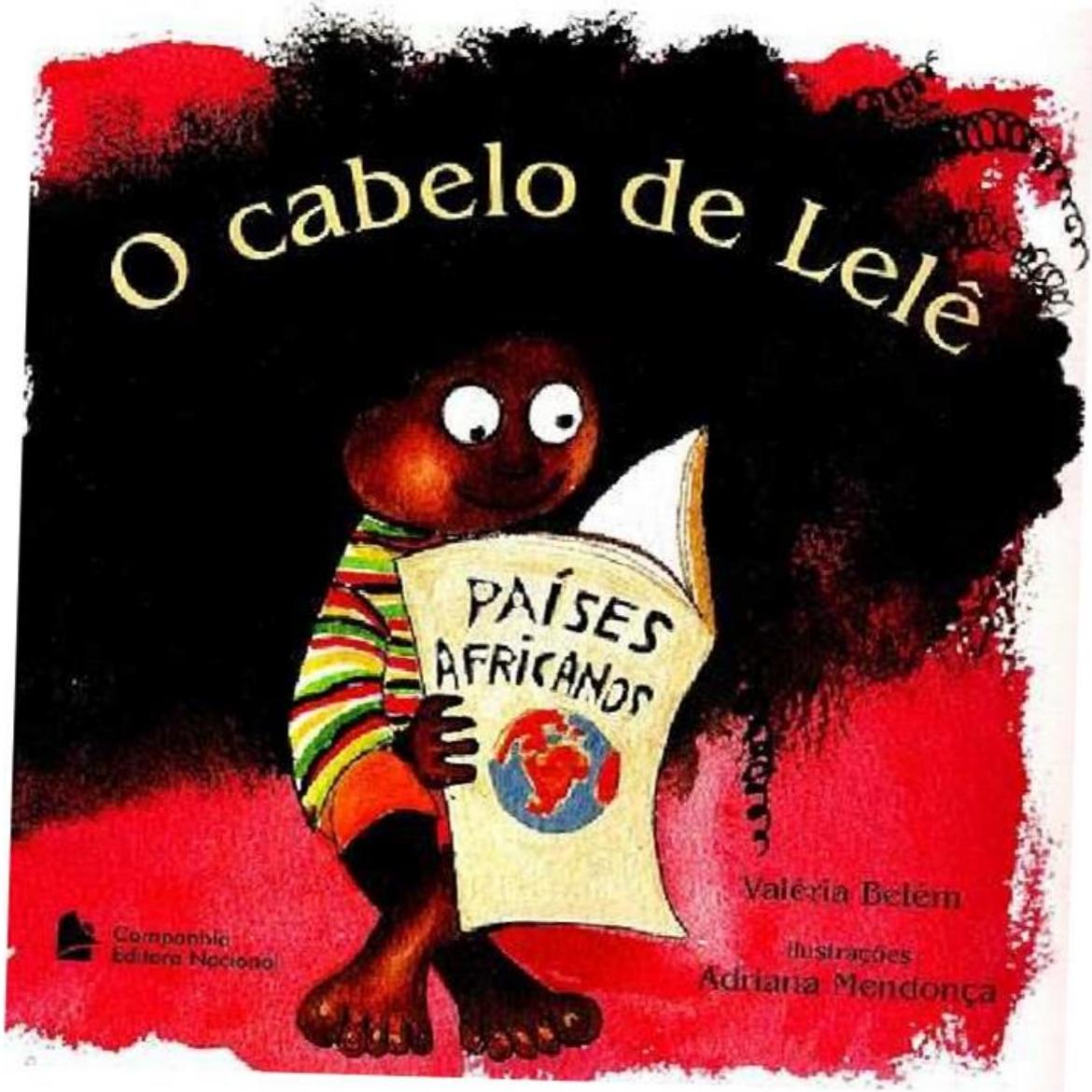
ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA
ILUSTRAÇÕES: CIÇA FITTIPALDI

BICHOS DA ÁFRICA 2

5.ª EDIÇÃO




MELHORAMENTOS



Companhia
Editora Nacional

Valéria Belém

Ilustrações
Adriana Mendonça

EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS 300 ANOS DE

ZUMBI

dos **PALMARES**

Ilustrada por ÁLVARO MOYA

